

Tatiana Rigante

**Os caminhos da persuasão sob a perspectiva da
metafunção interpessoal em uma entrevista de *talk
show***

**Mestrado em
Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Tatiana Rigante

**Os caminhos da persuasão sob a perspectiva da
metafunção interpessoal em uma entrevista de *talk
show***

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em atendimento à exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

PUC - SP

2008

BANCA EXAMINADORA

Prf.^a Dr.^a Sumiko Nishitani Ikeda (orientadora)

Prf.^a Dr.^a Fátima Beatriz de Benedictis Delphino

Prf.^a Dr.^a Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva

Agradeço aos meus pais, pelo afeto e apoio constantes.

Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Sumiko Nishitani Ikeda, pela ajuda na pesquisa lingüística e pelos sábios conselhos, que colaboraram para meu amadurecimento e para que eu refletisse sobre o relacionamento interpessoal, em todas as instâncias.

Às Professoras Doutoras Fátima Beatriz de Benedictis Delphino e Maria Aparecida Caltabiano Magalhães Borges da Silva, pelas observações e sugestões no exame da qualificação de que participaram.

Aos funcionários do LAEL, Maria Lúcia e Márcia, pelas informações fornecidas, ajuda e conselhos oferecidos.

Aos meus pais, Alice e Walter, pelo afeto, paciência, amizade e oportunidade, sem eles meu Mestrado não seria possível.

À minha avó, Wilma, pelas conversas, carinho e a crença de que tudo na vida pode ter uma solução.

Aos meus irmãos, Marcelo e Sheila, pelas palavras amigas, conselhos de pesquisa e troca de conhecimento.

Ao meu namorado, Edimilson, pela compreensão, calma e ouvidos para entender minhas angústias e incertezas.

Aos meus amigos, pela lealdade, cumplicidade e auxílio, em todas as horas que precisei.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram para meu crescimento intelectual e pessoal.

Epígrafe

Não perca tempo odiando um insucesso. O insucesso é um mestre melhor do que o sucesso. Escute. Aprenda. Continue.

Clarissa Pinkola Estés,
Contos dos irmãos Grim

RESUMO

É pequeno o número de trabalhos sobre entrevistas em *talk show* e a abordagem desse gênero sofre carência de pesquisas no Brasil. Nessa perspectiva, o presente estudo objetiva analisar a persuasão que percorre os turnos conversacionais, na entrevista realizada com a deputada Denise Frossard, no *talk show Programa do Jô*, e deve responder à seguinte pergunta: que recursos discursivos são mais utilizados por Jô Soares e por Denise Frossard, visando a persuadir seu interlocutor na entrevista? Para abranger a dinâmica da realização da conjunção de significados diversos que essa análise implica, meu estudo tem um suporte teórico “ecclético”, na esteira de Fowler (1991), com base na Análise Crítica do Discurso, formado por teorias que complementam a proposta da Lingüística Sistêmico-Funcional, em especial, no que diz respeito à metafunção interpessoal dessa teoria. Assim, apóio-me em noções discursivas que ajudam a compreender a persuasão, por meios explícitos e implícitos, que entremeiam as interlocuções da entrevista, conforme os seguintes elementos: o dialogismo (Bakhtin, 1981); o *frame* e o alinhamento (Goffman, 1981); a inserção sub-reptícia de informação (Luchjenbroers e Aldridge, 2007); a informação direcionada (Coffin e O’Halloran, 2006), e a noção de cripto-argumentação (Kitis e Milapides, 1996) e, finalmente, à Análise da Conversação (Eggins e Slade, 1997), que esclarece fenômenos ocorrentes nos turnos conversacionais. Os dados permitiram apurar que, dentre os elementos persuasivos ocorrentes, os implícitos são os mais freqüentes na fala dos interactantes. Contudo, o apresentador recorre a um discurso aparentemente “amigável” e facilitador para que a entrevistada exponha a sua opinião. Esta, por sua vez, na maior parte de seus turnos, produz enunciados monoglóssicos.

Palavras-chave: *Talk show*. Metafunção interpessoal. Persuasão explícita e implícita.

ABSTRACT

The amount of research about interviews in talk-shows and the way this genre is approached is scarce in Brazil. In this perspective, the present study aims at analyzing the persuasion which permeates the conversation turns in an interview with the deputy Denise Frossard, on *Jô* talk show program, with a view to answering the following question: what discursive resources *Jô* Soares and Denise Frossard mostly employ to persuade their audience in the interview? Considering the dynamics of the realizations of various meaning combinations which this analysis implies, my study has an “eclectic” theoretical support, including Fowler (1991), based on Critical Discourse Analysis, and theories complementing the Systemic-Functional Linguistics, particularly the interpersonal metafunction. In so being, I make use of these persuasive notions which help me understand both explicit and implicit persuasion that pervade the interview interlocations, according to the following elements: dialogism (Bakhtin, 1981); frame and footing (Goffman, 1981), smuggling information (Luchjenbroers e Aldridge, 2007); directed information (Coffin e O’Halloran, 2006), notions of cryptic-argumentation (Kitis e Milapides, 1996) and finally Analysis of Conversation (Eggins e Slade, 1997), which sheds light on the existing phenomena in the conversation turns. The data showed that amongst the occurrent persuasive elements, the implicit ones are the most frequent in the speech of the interlocutors. However, the host resorts to a discourse apparently “friendly” and capable of facilitating the exposure of the interviewee’s opinion. The interviewee in most of her turns use monoglossic utterances.

Keywords: Talk-show. Interpersonal metafunction. Explicit and implicit persuasion.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias e gêneros dos programas na televisão brasileira	4
Quadro 2 - Relação processos/participantes	15
Quadro 3 - Normas para transcrição dos exemplos - Projeto NURC.....	47
Quadro 4 - Exemplo de análise	51

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
1.1 A Análise Multidimensional do Discurso	8
1.2 A Análise Crítica do Discurso	11
1.3 A Linguística Sistêmico-Funcional	13
1.3.1 A metafunção interpessoal.....	16
1.3.1.1 A Avaliatividade	18
1.4 Frames discursivos e o alinhamento dos participantes	22
1.5 Vozeamento e ventriloquismo	25
1.6 A argumentação secreta	28
1.7 O contrabando de informação	30
1.8 A informação direcionada (“dog-whistle” politics)	31
1.9 A Análise (crítica) do Discurso e a Teoria da Argumentação	33
1.10 Fundamentos interpessoais da conversa indireta	38
1.11 A Análise da Conversação	41
2 DADOS	47
2.1 Programa do Jô	48
2.2 Entrevista selecionada para a presente pesquisa	49
2.3 Sobre a entrevistada	49
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE	51
4 ANÁLISE	53
5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	70
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS	77

Os caminhos da persuasão sob a perspectiva da metafunção interpessoal em uma entrevista de *talk show*

INTRODUÇÃO

Comparado ao grande volume de pesquisas que tratam de notícias políticas e entrevistas sobre assuntos correntes, diz Lauerbach (2007) - que examina duas entrevistas com o vice-presidente dos EUA, Dick Cheney, no programa de *talk show* *Larry King Live* - é pequeno o número de trabalhos sobre as práticas de apresentadores e políticos nas entrevistas em *talk show*.

No Brasil, tenho assistido com freqüência entrevistas políticas, e, diante da pesquisa de Lauerbach, decidi-me por examinar as interlocuções que ocorrem no *Programa do Jô*, e, dentre as inúmeras questões que se descortinam aos olhos de uma pesquisadora de estudos da linguagem, escolhi deter-me no exame da persuasão que percorre as interlocuções do entrevistador Jô Soares e seu entrevistado, no caso, a deputada Denise Frossard.

Recorro para esta pesquisa à proposta de Fairclough (1992), para quem, uma análise do discurso deve adotar um método de análise *multidimensional*, que permita avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar, sistematicamente, propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social.

Para tanto, diz ele, seria necessário um método de análise *multifuncional* e, nesse sentido, o autor indica a teoria sistêmica da linguagem (Halliday, 1978), que trata a linguagem como tendo três funções simultâneas, pois representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades, por meio das metafunções ideacional, interpessoal e textual, respectivamente. Embora, num *talk show* as três metafunções estejam sempre presentes, enfocarei, mais detidamente, a metafunção interpessoal, na interação entre entrevistador e entrevistada.

A interação analisada não será vista somente como uma troca de informações ou bens e serviços como propõe Halliday (1994), mas, também, como troca de

emoções, julgamentos e valores ideológicos, que tomam lugar na negociação dos significados expressos pelas escolhas léxico-gramaticais dos participantes da interação (Lemke, 1998; Thompson e Thetela, 1995).

Para abranger a dinâmica da realização dessa conjunção de significados diversos, meu estudo tem um suporte teórico “ecclético”, na esteira de Fowler (1991), com base na Análise Crítica do Discurso, formado por teorias que complementam a proposta da Lingüística Sistêmico-Funcional, em especial no que diz respeito à metafunção interpessoal dessa teoria. Assim, apóio-me em noções discursivas que ajudam a compreender a persuasão, explícita e implícita, que percorre as interlocuções da entrevista, por meio dos seguintes elementos: o dialogismo (Bakhtin, 1981); o *frame* e o alinhamento (Goffman, 1981); a inserção sub-reptícia de informação (Luchjenbroers e Aldridge, 2007); a informação direcionada (Coffin e O’Halloran, 2006), e a noção de *crypto*-argumentação (Kitis e Milapides, 1996) e, finalmente, à Análise da Conversação (Eggins e Slade, 1997), que esclarece fenômenos que ocorrem nos turnos conversacionais.

O objetivo desta dissertação é, pois, examinar a persuasão que percorre os turnos conversacionais numa entrevista do *talk show Programa do Jô*. Para tanto, deve responder à seguinte pergunta:

- que recursos discursivos são mais utilizados por Jô Soares e por Denise Frossard, visando a persuadir seu interlocutor na entrevista?

Justificativa

Meu interesse pelo estudo da interação no gênero *talk show* justifica-se pela carência de abordagens sobre essa prática (Lauerbach, 2007). Souza (2004) reforça esse fato ao dizer que existem poucas pesquisas no Brasil sobre *talk show* e demais gêneros midiáticos. Por seu lado, Tolson (2001) diz que o *talk show* possibilita estudos críticos referentes à interação face a face.

Esta dissertação compõe-se das seguintes partes: (a) Introdução, incluindo o item *Uma explicação: a entrevista e o talk show na televisão*. (b) A fundamentação teórica, constituída de considerações sobre a Análise Crítica do Discurso, amparada pela Lingüística Sistêmico-Funcional, e propostas que complementam, em especial,

a metafunção interpessoal dessa teoria. (c) A descrição dos dados e os procedimentos metodológicos de análise. (d) Análise (crítica) das interlocuções ocorridas no *talk show*. (e) Discussão dos resultados. (f) Considerações finais. E, finalmente, as Referências Bibliográficas e os Anexos.

Uma explicação: A entrevista e o *talk show* na televisão

Antes de iniciar a Fundamentação Teórica desta pesquisa, apresento uma visão geral de especialistas sobre o gênero *talk show*. Devo esclarecer que este estudo não visa a analisar o gênero *talk show* diretamente, mas julgo importante as considerações que aqui trago, na medida em que ajudarão a compreender os fatos que ocorrem na interação dentro desse gênero. O que significa dizer que, de uma maneira implícita, os ditames deste gênero estão presentes nas interlocuções entre Jô Soares e Denise Frossard.

Segundo Souza (2004), a programação da televisão é estabelecida por meio de categorias e gêneros. O autor reconhece a dificuldade de se estudar os gêneros na televisão, devido à falta de bibliografia. Sendo assim, a ausência de abordagens específicas que permitissem classificar os gêneros, bem como suas variações, estimulou o estudo de Souza sobre categorias e gêneros televisivos. Para ele, a separação dos programas de televisão em categorias atende à necessidade de classificar os gêneros correspondentes.

Conforme Souza, são três as categorias contidas na maioria dos gêneros televisivos: entretenimento, informação e educação. Uma quarta categoria, pontuada como “especial” (programas infantis, de religião, de minorias étnicas, agrícolas e outras) também aparece em alguns gêneros televisivos brasileiros, contudo, em menor escala.

Assim, no que diz respeito aos gêneros na comunicação, Souza afirma que eles podem, dessa forma, ser entendidos como estratégias de comunicação meta orientadas, fatos culturais e modelos dinâmicos, atrelados com o contexto histórico de seu espaço de produção, escritura e funcionamento. O autor divide os gêneros televisivos e suas respectivas categorias da seguinte forma:

Quadro 1 - Categorias e gêneros dos programas na televisão brasileira.

Categoria	Gênero televisivo
ENTRETENIMENTO	Colunismo social - Culinário - Desenho animado - Docudrama - Esportivo - Filme - <i>Game show</i> (competição) - Humorístico - Infantil - Interativo - Musical - Novela - <i>Quiz show</i> (perguntas e respostas) - <i>Reality show</i> (TV-realidade) - Revista - Série - Série brasileira - <i>Sitcom</i> (comédia de situações) - <i>Talk show</i> - Teledramaturgia (ficção) - Variedades - <i>Western</i> (faroeste)
INFORMAÇÃO	Documentário - Entrevista - Telejornal
EDUCAÇÃO	Educativo - Instrutivo
PUBLICIDADE	Filme comercial - Político - Sorteio - Telecompra
OUTROS	Eventos - Religioso

O gênero entrevista

Souza (2004) diz que a confusão entre o gênero entrevista e o gênero *talk show* foi um dos nós que ele tentou desatar em seu livro *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira*, mostrando a diferença entre ambos. Porém, emissoras e apresentadores dos dois gêneros, por desconhecimento ou por interesse comercial, classificam o seu programa de entrevista ou *talk show* a seu modo, para dar outro *status* a ele. Para o autor, o gênero entrevista está ligado aos programas jornalísticos das emissoras, que procuram pessoas das mais diversas áreas para ficar frente a frente com o apresentador, na maioria jornalistas de renome.

Continuando, diz o autor que, quando existe descontração e intimidade, pode haver uma redefinição do gênero entrevista. Com tais elementos, o gênero se aproxima do classificado como *talk show*. Os dois se aproximam, mas com diferenças que demarcam o território do jornalismo e o do *show*. No gênero entrevista, o entrevistado é o foco e não há *show* comandado pelo jornalista apresentador.

Os assuntos de política e atualidades são os que freqüentam as pautas dessas entrevistas, como o *Roda-viva* (Cultura). Diferente do *talk show*, o apresentador de entrevista não tem o compromisso de deixar o entrevistado à vontade, podendo questioná-lo sobre fatos polêmicos e chegar até à discórdia, o que

denota seriedade e compromisso com a verdade, atribuições dos programas jornalísticos.

Segundo Preti (1991), assimetria em entrevista é um dos tópicos centrais, quando se trata do cenário institucional. O poder é usado em referência aos direitos que o entrevistador possui. Participantes em uma entrevista são desiguais em termos dos direitos envolvidos na interação. Esse aspecto difere a conversa realizada no espaço da televisão da conversa diária, nas quais os tópicos escolhidos são relativamente livres, a tomada de turno é negociada e as perguntas não são definidas.

O autor afirma que em relação à linguagem, pode-se dizer que a aproximação da fala natural em entrevistas televisivas parece mais freqüente e atende mais diretamente aos objetivos de lazer da audiência. Os programas de entrevista no estúdio revelam uma linguagem preocupada de duas direções: (I) da parte do entrevistador, há o trabalho prévio da produção, que não só se limita à organização da pauta e, portanto, à condução do tema, mas, também, à própria redação das perguntas, que são memorizadas ou lidas no ato; (II) da parte do entrevistado, por sua vez, também é freqüente a preparação das respostas, que inclui até o modo de dizer, porque, muitas vezes, o entrevistado conhece com antecedência as perguntas que lhe serão feitas.

Preti diz que quem assiste a uma entrevista, embora nem sempre se dê conta, pode constatar que se trata de um diálogo com “as cartas marcadas”. Sua assimetria revela, por outro lado, que, salvo casos excepcionais em que o entrevistado possui uma posição social muito relevante, o entrevistador é quem tem controle absoluto do turno de fala, entra no diálogo quando quer, dirige as mudanças de tópico, enquanto o entrevistado, ainda que permaneça com a palavra a maior parte do tempo, só o faz na medida em que aquilo que se diz interessa ao desenvolvimento do diálogo planejado pelo entrevistador.

Para Tolson (2001), duas diferenças relativas ao cenário e ao posicionamento do apresentador também ajudam a identificar e distinguir o programa de entrevista do gênero *talk show*. Uma composição cenográfica que permita ao apresentador andar pelo cenário e entrevistar os convidados de pé é utilizada pelo programa do *talk show*. Nesse caso, o apresentador percorre o cenário em busca das atrações do programa: apresentações musicais, entrevistas, etc. Já os cenários dos programas

do gênero entrevista permitem ao convidado e ao apresentador ficar sentados durante todo o tempo. Isso presume uma entrevista de duração mais longa do que aquelas normalmente realizadas em programas do gênero *talk show*.

O gênero talk show

O gênero *talk show* é uma forma de a televisão transmitir uma conversa e deve apresentar duas características: casualidade e espontaneidade. O *talk show* combina algumas das principais qualidades de outros gêneros dramáticos de sucesso: intimidade emocional e um pouco de bom humor. Sua versatilidade permite passar do musical para o jornalismo, da política para o esporte.

Haarman (2001) assegura que dentre os gêneros televisivos, o *talk show* pode ser considerado a manifestação mais popular que abarca uma variedade de formatos de televisão. Isso inclui uma conversa entre membros da elite, mesa redonda, grupos de discussão, entrevistas, debates, assuntos polêmicos discutidos entre especialistas e pessoas não entendidas em determinada área.

Para o autor, existem tipos diversificados de *talk show*, dependendo do tipo, o foco da conversa pode ser um bate-papo (uma conversa amena, agradável) típico dos *talk shows* apresentados à noite, que trazem celebridades para entrevistas, ou um assunto, tema, que parte de um problema político, social e eventos atuais para tópicos mais pertinentes ao domínio privado, como ciúme ou infidelidade.

Cada um desses diferentes contextos de situação têm suas regras de interação específicas e comportamentos lingüísticos que figuram os procedimentos dos programas. Nos diferentes tipos de *talk shows* mencionados, o contexto de situação é controlado pelo apresentador. Sendo assim, o *talk show* tornou-se um triunfo de personalidade, ele não depende de uma trama ou ação, ele não provém de conteúdo específico. Tudo o que esse gênero televisivo oferece é a oportunidade do telespectador se “aquecer na atmosfera” que irradia de um apresentador.

Para Rose (1985), o apresentador pode ser considerado o mediador entre o estúdio televisivo e os telespectadores, entre os convidados e, até mesmo, entre eles e a audiência no estúdio. Como um “gerente de programa”, ele introduz o objeto

de discussão, apresenta os convidados, dirige os procedimentos e colabora com os aspectos técnicos, como anunciar interrupções para o comercial.

Além disso, conforme o autor, seu controle é exercido por padrões lingüísticos, tipicamente utilizados por todos os apresentadores: abrir o *frame*, fechar a conversa, selecionar o tópico, alocar turnos, solicitar e guiar intervenções por meio, por exemplo, de questões, interrupções e formulações. Contudo, Haarman (2001) afirma que, embora os mecanismos lingüísticos para manter o controle sejam comuns a todos os entrevistadores, o estilo do desempenho do apresentador varia de acordo com o tipo de convidado, tópicos discutidos e o nível social da audiência do estúdio televisivo.

Infelizmente, embora o formato permita variações, a cópia tem sido o elemento mais encontrado nos programas brasileiros. O programa de Jô Soares traz o mesmo tipo de cenário do programa americano *Late Show*, apresentado por David Letterman nos Estados Unidos – há até a caneca.

Em relação ao que expus até aqui, é possível dizer que a comunicação face a face engloba uma rede complexa de interação entre apresentador e entrevistado no gênero *talk show*, que exige uma análise de discurso multidimensional e uma visão multifuncional da língua.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Início a descrição das teorias em que me apoiarei na análise das interlocuções do *Programa do Jô*, apresentando, na seqüência, a proposta de Fairclough (1992), em que o autor aponta a Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF) como sendo a teoria mais adequada a uma análise crítica do discurso. Segue-se uma explicação da LSF, com ampliações da metafunção interpessoal (Thompson e Thetela, 1995; Martin, 2000; 2003), complementada por propostas que me ajudarão a delinear a persuasão que percorre as interlocuções do referido *talk show*. Nesse sentido, há propostas de caráter mais geral, como a de *frame*, dos atos de fala indiretos, da análise da conversação, bem como outras mais especificamente ligadas à persuasão implícita (Kitis e Milapides, 1996; Luchjenbroers, 2007; Coffin e O'Halloran, 2006), além da proposta de Lauerbach (2006) de aliar a análise do discurso à análise da argumentação, de Toulmin ([1958] 2006).

1.1 A Análise Multidimensional do Discurso

Para dar início a um estudo crítico da relação face a face, baseio-me no método de análise do discurso, que deve ser multidimensional, segundo Fairclough (1992). Nesse sentido, ele apresenta uma abordagem tridimensional, que permite avaliar as relações entre mudança discursiva e social e relacionar sistematicamente propriedades detalhadas de textos às propriedades sociais de eventos discursivos como instâncias de prática social.

Para tanto, diz ele, é necessário um método de análise multifuncional, como a teoria sistêmica da linguagem (Halliday, 1978), que considera que os textos representam a realidade, ordenam as relações sociais e estabelecem identidades, simultaneamente. Por outro lado, continua o autor, é necessário também um método de análise histórica, que considera a constituição a longo prazo de “ordens de discurso” (isto é, configurações totais de práticas discursivas na sociedade) e, por fim, um método crítico, que mostrasse conexões e causas subjacentes ao texto.

Segundo Fairclough, as tentativas anteriores de síntese entre os estudos lingüísticos e a teoria social tiveram sucesso limitado, pois foi dada pouca atenção à luta e à transformação nas relações de poder e ao papel da linguagem; conferiu-se

ênfase semelhante à descrição dos textos como produtos acabados e deu-se pouca atenção aos processos de produção e interpretação textual.

Texto é, para o autor, qualquer produto escrito ou falado, de tal maneira que a transcrição de uma entrevista ou conversa, por exemplo, seria denominada, um “texto” (mas pode estender-se a imagens visuais e textos que são combinações de palavras e imagens).

Já discurso é um conceito difícil de caracterizar, continua Fairclough, porque há muitas definições conflitantes e sobrepostas, formuladas de várias perspectivas teóricas e disciplinas. Um foco importante localiza-se na mudança histórica: como diferentes discursos se combinam em condições sociais particulares para produzir um novo e complexo discurso. Esse é o sentido mais socioteórico de discurso, tratando o uso de linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais.

A tentativa de Fairclough de reunir a análise lingüística e a teoria social está centrada numa combinação desse sentido mais sócio-teórico de discurso com o sentido de “texto e interação” na análise de discurso orientada lingüisticamente. Esse conceito de discurso e de análise de discurso é tridimensional, ou seja, qualquer evento discursivo (isto é, qualquer exemplo de discurso) é considerado como simultaneamente um texto, um exemplo de prática discursiva e um exemplo de prática social. A dimensão do texto cuida da análise lingüística de textos; a dimensão da prática discursiva especifica a natureza dos processos de produção e interpretação textual; a dimensão de prática social cuida de questões de interesse da análise social.

Discurso, para o autor, é, em primeiro lugar, um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. Em segundo lugar, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social. Em terceiro lugar, o discurso é socialmente constitutivo.

Podemos distinguir três aspectos dos efeitos constitutivos do discurso. O discurso contribui, em primeiro lugar, para a construção de identidades sociais, bem como de relações sociais entre as pessoas e, finalmente, o discurso contribui para a construção de sistemas de conhecimento e crença.

Esses três efeitos correspondem, respectivamente, a três funções da linguagem e a dimensões de sentido que coexistem e interagem em todo discurso - o que ele denomina funções da linguagem identitária, relacional e ideacional. A função identitária relaciona-se aos modos pelos quais as identidades sociais são estabelecidas no discurso, a função relacional a como as relações sociais entre os participantes do discurso são representadas e negociadas, a função ideacional aos modos pelos quais os textos significam o mundo e seus processos, entidades e relações.

Segundo o autor, as funções identitária e relacional são reunidas por Halliday (1978) como a função interpessoal. Halliday também distingue uma função textual que pode ser utilmente acrescentada à lista e diz respeito a como as informações são trazidas ao primeiro plano ou relegadas a um plano secundário, tomadas como dadas ou apresentadas como novas, selecionadas, como tema ou rema, e como as partes de um texto se ligam a partes precedentes e seguintes do texto, e à situação social fora do texto.

É importante, diz Fairclough, que a relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar os erros de ênfase indevida: de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso. A constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de idéias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais materiais e concretas.

Porém, qualquer aspecto da estrutura lingüística carrega significação ideológica - seleção lexical, opção sintática, etc., e, assim, haverá sempre modos diferentes de dizer a mesma coisa, e esses modos não são alternativas acidentais. Diferenças em expressão trazem distinções ideológicas e, conseqüentemente, diferenças de representação (Fowler, 1991). Assim, passo a discutir a Análise Crítica do Discurso, que é uma tentativa de casar um método de análise lingüística textual com uma teoria social do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideológicos, recorrendo à teoria lingüística funcionalista associada com Halliday (1978; 1985) e conhecida como Lingüística Sistêmico-Funcional. Apresento, a seguir, os pontos de vista de Fowler (1991) e de Charteris-Black (2004), a respeito.

1.2 A Análise Crítica do Discurso

A Análise Crítica procura, estudando detalhes da estrutura lingüística à luz da situação social e histórica de um texto, trazer para o nível da consciência os padrões de crenças e valores que estão codificados na língua – e que estão subjacentes à notícia, para quem aceita o discurso como “natural”. Fowler (1987: 67) diz que “não há representação neutra da realidade”. Por outro lado, não temos como escapar de compreender a realidade ou o mundo se não for por meio da língua, porque a realidade é sempre estruturada ou reconstruída por meio dela.

A Análise Crítica rejeita dois dualismos prevalentes e relacionados na teoria lingüística: (i) o tratamento dos sistemas lingüísticos como autônomos e independentes do uso da língua; (ii) a separação entre significado e estilo ou expressão (ou entre conteúdo e forma). Contra o primeiro dualismo, a lingüística crítica afirma com Halliday (1994) que a linguagem é como é, por causa de sua função na estrutura social e argumenta que a linguagem à qual as pessoas têm acesso depende de sua posição no sistema social.

Contra o segundo dualismo, a lingüística crítica apóia a concepção de Halliday, ou seja, da gramática de uma língua como sistemas de opções, entre as quais os falantes fazem escolhas segundo as circunstâncias sociais, em que opções formais têm significados contrastantes e que as escolhas de formas são sempre significativas.

Um foco adicional refere-se a aspectos da gramática da oração que dizem respeito a seus significados interpessoais, isto é, um foco sobre o modo como as relações sociais e as identidades sociais são marcadas na oração. Trata-se da gramática da modalidade. A abordagem do vocabulário baseia-se no pressuposto de que diferentes modos de lexicalizar domínios de significado podem envolver sistemas de classificação ideologicamente diferentes.

A seguir, Charteris-Black (2004) trata do que se convencionou chamar de Análise Crítica do Discurso, e, referindo-se a Fowler (1991: 89), diz que esse autor propõe que:

a análise, usando instrumentos lingüísticos próprios e com referência a contextos históricos e sociais relevantes, pode trazer a ideologia, normalmente escondida por meio da habitualização do discurso, à superfície para inspeção.

Nas ciências sociais e nas humanidades, “crítica” é em geral usada para referir-se a perspectivas teóricas e metodologias que têm como objetivo alterar a ordem social e política existentes. Por isso, a Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) está interessada em aumentar nossa consciência das relações sociais que são forjadas, mantidas e reforçadas pelo uso da língua para mudá-las; isso está evidente na afirmação de Fairclough (1989: 1) sobre as metas da ACD:

corrigir o significado muito subestimado da língua na produção, manutenção e mudança das relações sociais de poder e aumentar a consciência de como a língua contribui para a dominação de algumas pessoas por outras, porque a consciência é o primeiro passo para a emancipação.

Para satisfazer essas metas, a ACD apóia-se em uma ampla abordagem interdisciplinar que combina métodos lingüísticos com abordagens de outras disciplinas das ciências humanas, tais como, sociologia, política, história e psicologia. Exponentes da ACD consideram o uso da língua como central para questões de poder na sociedade. O que a ACD faz é colocar textos dentro de um contexto social, em que as relações de hegemonia tornam-se o foco central da análise textual. A ACD tenta demonstrar como certas práticas discursivas refletem estruturas de poder sócio-políticas e, por implicação, modificar práticas para o benefício daqueles em desvantagem. Como Stubbs (2001: 149) afirma:

O mundo pode ser representado de várias maneiras, mas certos modos de falar sobre eventos e pessoas tornam-se freqüentes. As idéias circulam, não por algum processo místico, mas por processo material. Algumas idéias são formuladas repetidas vezes, tal que, embora sejam convencionais, se tornam naturais.

Enquanto o foco da análise do discurso tradicional está nos significados estabelecidos entre sentenças e enunciados, na ACD o foco está na seleção que é feita na construção de textos, em fatores que restringem e determinam essas escolhas (i.e. sua causa), e em seu efeito. Isso porque, da perspectiva da ACD, todos os enunciados são potencialmente constrictivos – e realmente, determinados – pelas relações sociais que existem entre os participantes. A ACD, portanto, envolve a análise ideológica do conteúdo textual implícito, e baseia-se na visão de que textos

não são neutros como parecem; isso porque os processos sociais que levam a escolhas conscientes são escondidos ou feitos opacos na codificação lingüística.

Segundo Fairclough (2001), um bom ponto de partida para o estudo da identidade social dos participantes, do cenário, dos atributos pessoais, poder e ideologia, que a ACD proporciona, é a teoria da linguagem de Halliday (1978).

1.3 A Lingüística Sistêmico-Funcional

Para tratar da Lingüística Sistêmico-Funcional (doravante LSF), vamos nos apoiar em Halliday (1985; 1994), bem como em Eggins (1994), que traça uma ampla visão dessa teoria, abrangendo os escritos de Halliday, de 1973 a 1985. A LSF explica o modo como os significados são construídos nas interações lingüísticas do dia-a-dia. Por isso, requer a análise de produtos autênticos das interações sociais (textos orais ou escritos), levando em conta o contexto cultural e social em que ocorrem a fim de entender a qualidade dos textos: por que um texto significa o que significa, e por que ele é avaliado como o é.

Para alguns estudiosos (Fowler, 1991; Fairclough, 1992), a LSF tem sido considerada como a abordagem teórico-metodológica mais adequada à Análise Crítica do Discurso. Segundo Eggins (1994), o que distingue a lingüística sistêmica é que ela procura desenvolver uma teoria sobre a língua como um processo social e uma metodologia que permita uma descrição detalhada e sistemática dos padrões lingüísticos.

Para Halliday (1985; 1994), a linguagem está estruturada para construir três tipos de significados simultâneos: experiencial, interpessoal e textual. Essa fusão é possível porque a língua é um sistema semiótico, ou seja, um código convencionalizado organizado como um conjunto de escolhas. A língua possui um nível intermediário de codificação: a léxico-gramática. É esse nível que possibilita à língua construir três significados concomitantes, e eles entram no texto por meio das orações. Assim, Halliday diz que a descrição gramatical é essencial à análise textual.

A língua e o contexto estão inter-relacionados, tanto que, sem um contexto, não somos capazes, em geral, de dizer que significado está sendo construído. Mas quais feições desse contexto afetam o uso da língua? Para responder a essa

questão, os sistemicistas lançam mão de dois conceitos: gênero (contexto cultural) e registro (contexto situacional imediato), que compõem o contexto social. Mencionam, também, o contexto ideológico: a ideologia ocupa um nível superior de contexto, o que tem chamado a atenção dos sistemicistas, na medida em que, em qualquer registro, em qualquer gênero, o uso da língua será sempre influenciado pela nossa posição ideológica (nossos valores, nossas tendências, nossas perspectivas).

Halliday sugere que os elementos de contexto que moldam o uso da língua sejam os do registro: (a) Campo (o assunto sobre o que a língua está sendo usada); (b) Relações (a relação entre os participantes); e (c) Modo (o papel que a língua exerce para a construção do texto).

As três variáveis contextuais de registro – Campo, Relações e Modo – são, por sua vez, organizadas pelas metafunções da linguagem ideacional, interpessoal e textual. A metafunção ideacional representa os eventos das orações em termos de fazer, sentir (processamento simbólico) ou ser. A metafunção interpessoal envolve as relações sociais com respeito à função da oração no diálogo e refere-se a dar ou pedir informação ou bens e serviços. Finalmente, a metafunção textual organiza os significados ideacional e interpessoal de uma oração retrabalhando os significados representados no início ou no final da oração. Cada variável de registro estabelece possibilidades de realizações na língua – Martin (1992: 125) refere-se a esse conjunto de probabilidades como a “colocação de significados em risco”. Mais especificamente, o Campo coloca os significados ideacionais em risco, as Relações põem os significados interpessoais em risco, e o Modo coloca os significados textuais em risco. A relação entre os sistemas semióticos de gênero, registro e a língua é de realização.

Segundo Halliday, nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de “eventos” – acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se. Todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração. Na LSF, o sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da transitividade.

Para Thompson (1996), o sistema da transitividade – que realiza a metafunção ideacional – é encarado pela LSF de uma forma muito mais ampla do que a gramática tradicional estruturalista, haja vista que cada oração transporta o conteúdo proposicional de uma mensagem e o propósito pretendido por um

falante/escritor. Podemos expressar esse conteúdo das orações em termos dos processos envolvendo participantes em certas circunstâncias.

A transitividade é um conceito semântico fundamental em Halliday (1994), segundo a qual, quando olhamos para a metafunção ideacional, estamos olhando para a gramática da oração-como-representação (a língua como representação do mundo). A gramática distingue bem claramente entre experiência externa, os processos do mundo exterior, e a experiência interna, os processos da consciência. As categorias gramaticais correspondentes a essas experiências são as de processos materiais e processos mentais, mas há um terceiro componente a considerar: os de classificação e identificação – são os chamados processos relacionais. Além desses processos, existem outras categorias localizadas nos limites entre os três. No limite entre material e mental, estão os processos comportamentais: aqueles que representam manifestações exteriores de atividades internas, a externalização de processos da consciência e dos estados fisiológicos. No limite entre mental e relacional, está a categoria dos processos verbais: relações simbólicas construídas na consciência humana e efetivadas nas formas lingüísticas como “dizer” e “significar”. No limite entre relacional e material, estão os processos que se referem à existência, os existenciais, pelos quais fenômenos de todos os tipos são reconhecidos, tais como “ser”, “existir” e “acontecer”.

Em função dos diferentes processos, diferentes também serão os participantes em cada um deles, os quais podemos resumir no Quadro 2:

Quadro 2 - Relação processos/participantes.

Processo	Participantes
Material	Ator, Meta, Extensão, Beneficiário
Comportamental	Comportante, Comportamento, Fenômeno
Mental	Experienciador, Fenômeno
Existencial	Existente
Relacional	Identificativo: Característica, Valor Atributivo: Portador, Atributo
Verbal	Dizente, Receptor, Verbiagem-receptor-alvo

Em relação às circunstâncias, realizadas por grupos adverbiais ou frases preposicionais, podem elas ser de extensão (temporal ou espacial), causa,

localização (temporal ou espacial), assunto, modo (meio, qualidade, comparação), papel e acompanhamento (razão, propósito, meio).

A transitividade tem-se provado extremamente iluminadora na lingüística crítica pois ela é a base da representação: é o modo pelo qual a oração é usada para analisar eventos e situações como sendo de certo tipo. A transitividade tem a facilidade de analisar o mesmo evento sob ângulos diferentes, o que é de grande interesse na análise dos jornais. Vejamos os exemplos, dados por Halliday (1994):

- (1) Ele está sorrindo porque Maria chegou. (comportamental)
- (2) Agrada-lhe que Maria tenha chegado. (mental)
- (3) Ele está feliz porque Maria chegou. (relacional)

Quando vemos alguma coisa, diz Halliday, percebemo-la como uma peça inteira, mas se formos falar dessa mesma coisa, precisaremos analisá-la como uma configuração semântica – isto é, precisamos representá-la como uma estrutura de significado. Já que a transitividade possibilita fazer escolhas, estaremos também omitindo algumas delas, de tal forma que a escolha que fazemos – melhor, a escolha feita pelo discurso – indica o nosso ponto de vista e é, portanto, ideologicamente significativa.

1.3.1 A metafunção interpessoal

Na Lingüística Sistêmico-Funcional (LSF), estudos substantivos têm sido realizados sobre a metafunção interpessoal e sua importância no discurso. A compreensão da interação e da avaliação têm-se apoiado em estudos de gênero, bem como nos recursos gramaticais para expressão do significado interpessoal. Apresento a seguir, as propostas de distinção nessa metafunção, entre as funções pessoal e interacional (Thompson e Thetela, 1995) e na elaboração da função pessoal, por meio da noção de Avaliatividade (Martin, 2000; 2003) e White (2003).

Quando nos comunicamos, diz Halliday (1985; 1994), a estrutura significativa da oração está organizada como mensagem e como um evento interativo, isto é, a comunicação é também um evento interativo. Sendo assim, usamos a língua para construir significados interpessoais: significados sobre nossas relações com outras pessoas e nossas atitudes em relação a elas.

Em termos da metafunção interpessoal, a oração está organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor), e audiência. Distinguem-se aqui o *Mood* (Sujeito e Finito) e Resíduo. Os tipos fundamentais de papel de fala são apenas dois: (i) dar e (ii) pedir. Portanto, um ato de fala é algo que poderia ser mais apropriadamente chamado de interação: é uma permuta, na qual dar implica receber e pedir implica dar em resposta. Quando a língua é usada para permuta de informação, a oração tem a função semântica de “proposição” e quando é usada para permuta de bens e serviços, a oração tem a função semântica de “proposta”.

Quanto ao *Mood*, uma oração pode ser:

- (a) Declarativa (afirmativa ou negativa);
- (b) Interrogativa ((i) sim/não ou (ii) qu-);
- (c) Imperativa; e
- (d) Exclamativa.

Continuando, diz o autor que Sujeito e Finito estão intimamente ligados, e se combinam para formar um constituinte chamado de *Mood*. O resto da oração é chamado Resíduo. O elemento Finito, como diz o seu nome, tem a função de tornar finita a proposição. Isto é, ele a circunscreve; ele traz a proposição para a realidade, de modo que ela possa ser objeto de discussão. Um modo de tornar algo discutível é dar-lhe um ponto de referência no aqui e agora; e isso é o que o Finito faz. Ele liga a proposição ao seu contexto no evento da fala. Isto pode ser feito de dois modos. Um é pela referência ao tempo da fala; o outro pela referência ao julgamento do falante. Um exemplo do primeiro é “estava” em *um menino estava atravessando a rua*; o segundo, “não pode” em *não pode ser verdade*. Em termos gramaticais, o primeiro é o “tempo primário”, o segundo é a “modalidade”.

Mas há uma outra feição, segundo Halliday, que é um concomitante essencial da finitude, e esta é a polaridade, que é a escolha entre positivo e negativo. Assim, além de expressar tempo primário ou modalidade, o elemento Finito também realiza a feição da polaridade. Em termos de modalidade, devemos considerar a Proposição (dar e receber informação) e Proposta (dar e receber bens e serviços):

- (a) *Proposição* – em uma proposição, entre o pólo positivo e o negativo, há possibilidades intermediárias, chamadas “modalização”:

- (i) grau de probabilidade;
 - (ii) graus de frequência.
- (b) *Proposta* - em uma proposição, entre o pólo positivo e o negativo, há possibilidades intermediárias, chamadas “modulação”:
- (i) graus de obrigação;
 - (ii) graus de inclinação (desejo).

Em relação à metafunção interpessoal, Thompson e Thetela (1995) julgam necessária uma distinção no seu interior. Dizem eles que Halliday postula a *modalidade* como sendo envolvida pelo *mood*, quando esses elementos têm, segundo os autores, funções distintas no enunciado, e por isso propõem as funções: (i) *pessoal*, envolvendo modalidade e avaliação, ou seja, a posição pessoal do autor; e (ii) *interacional*, em que distinguem os papéis de atuação (pergunta e comando) e os papéis de projeção (nomeação e atribuição). Ao tratarem dos papéis projetados, dizem que é aí que o componente interpessoal se sobrepõe ao ideacional, no modelo de Halliday, ou seja, uma pessoa pode ser “nomeada” *diretor*, *você*, *V.Sa.* (interpessoal) e a ela ser “atribuída” o papel de *agente*, *meta*, *experenciadora* (ideacional).

Passo a apresentar a teoria da Avaliatividade, que examina a função pessoal, da metafunção interpessoal.

1.3.1.1 A Avaliatividade

Martin (2000) distingue, nesse posicionamento pessoal do autor, que ele chama de Avaliatividade (*Appraisal*), os seguintes elementos: Compromisso, Atitude e Graduação. Examinando a Avaliatividade, ele diz que a questão atinge um ponto crítico em relação à avaliação implícita. Quando a avaliação está explicitamente realizada, é possível a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento, vejamos alguns exemplos (Martin, 2003):

- (4) Felizmente, o Brasil peitou os EUA na ALCA.
- (5) Infelizmente, o Brasil peitou os EUA na ALCA.

Mas o que fazer em casos nos quais a avaliação não está inscrita explicitamente, como em:

(6) O Brasil peitou os EUA na ALCA.

Ele, então, considera que o significado interpessoal possa ser realizado por meio de configurações ideacionais, e propõe a noção de *Token* de atitude para denominar o modo pelo qual o significado ideacional pode ser “saturado” em termos avaliativos, ou seja, interpessoais. Dessa forma, enquanto os elementos de Atitude (Martin, 2000): *Afeto, Julgamento e Avaliação* – referentes ao posicionamento pessoal do autor do texto – são freqüentemente inscritos explícita e diretamente em um texto (por meio de léxico como: “medo”, “covardemente” ou “significativo”), o *Token* de atitude é um termo que se refere à realização indireta de avaliação. Essa noção possibilita à teoria dar conta de uma palavra ou conjunto de palavras que são usados para evocar um julgamento por parte do leitor. Em outras palavras, ela explica o modo pelo qual o significado ideacional é explorado para efeitos interpessoais.

A seguir, veremos como White (2003), tratando do elemento Compromisso da Avaliatividade, explica os modos pelos quais os falantes se posicionam em relação a pontos de vista ou posições sociais referenciados pelo texto e como podem ou não mitigar suas declarações.

White (2003) propõe uma análise de recursos lingüísticos referentes ao posicionamento intersubjetivo (que têm sido tratados como *modalidade, polaridade, evidencialidade, mitigação, intensificação, atribuição, concessão e conseqüência*). Inspirando-se na noção de perspectiva dialógica de Voloshinov (1995), ele tenta mostrar que recursos léxico-gramaticais podem ser reunidos em termos da semântica discursiva ou retórica, fornecendo meios para o falante/escritor posicionar-se em relação a pontos de vista ou posições sociais referenciados pelo texto e, por conseguinte, alinhar-se ou não em relação a outros sujeitos sociais.

Como já vimos, para Bakhtin e Voloshinov, toda comunicação verbal, escrita ou falada, é “dialógica”, ou seja, falar ou escrever é referir-se àquilo que foi dito ou escrito antes, e simultaneamente, antecipar respostas potenciais ou imaginadas dos ouvintes/leitores.

White (2003) inspira-se em Martin (1992; 1997), cuja categoria de Compromisso ele desenvolve, e em Stubbs (1996), que estende a categoria de “modalidade” para além dos verbos modais, incluindo todas as palavras com as quais os escritores modulam sua adesão ou oposição à proposição.

Para examinar e descrever adequadamente a funcionalidade comunicativa desses recursos léxico-gramaticais, é necessário vê-los como fundamentalmente dialógicos ou interativos, diz ele (White, 2003: 260). Ou seja, essa descrição é possível pelo uso de palavras como *talvez*, *tem sido afirmado que*, *naturalmente*, *eu acho*, a voz textual age, antes de mais nada, para reconhecer, comprometer-se ou alinhar-se com posições que podem ser alternativas àquilo que está sendo dito no texto.

A abordagem refere-se a questões sempre levantadas na análise da semântica do discurso – as relações de estatuto, poder, contato social e solidariedade construídas no texto, e por que padrões de escolhas léxico-gramaticais são construídos dos diferentes tipos de *personae* do autor, e por que meios os textos constroem para si os leitores pretendidos, ideais e modelares. White (2003: 261) propõe uma taxonomia que oferece meios para evidenciar como as vozes textuais se engajam com vozes alternativas e ativamente representam o contexto comunicativo como sendo de diversidade heteroglóssica.

O termo “compromisso heteroglóssico” é usado por White (2003) como uma denominação geral para os referidos recursos, que podem ser divididos em duas amplas categorias: dialogicamente expansivo (possibilitam alternativas) ou dialogicamente contrátil (restringem as possibilidades). Em termos amplos, White (2003) distingue entre enunciados heteroglóssicos ou dialogísticos (nos quais se sinaliza algum compromisso com posições alternativas/vozes), e enunciados monoglóssicos (afirmações não-dialogizadas).

Para explicar o enunciado monoglóssico, White (2003) apresenta o seguinte exemplo:

(.....) Há poucas visões mais nauseantes que a de um líder sindicalista tentando dizer, “Eu bem que disse”.

Segundo o autor, a avaliação “nauseante” é introduzida no texto por meio de afirmação pura e simples (*bare assertion*), não havendo possibilidades de posições alternativas, já que a proposição é declarada de maneira absoluta (White, 2003:

263). Do ponto de vista da perspectiva bakhtiniana, esse tipo de afirmação é “monoglóssico” ou “não-dialógico” (Bakhtin, 1935 [1981]: 427).

O que isso significa em termos da retórica ou posição intersubjetiva? White considera os contextos em que tais afirmações operam. Embora muita pesquisa baseada em *corpus* seja ainda necessária, diz White (2003: 263), pode-se dizer que essas afirmações estão associadas a conhecimento consensual, versões-de-eventos que são vistos como “fatos” – isto é, as proposições são consideradas não problemáticas e geralmente conhecidas ou aceitas no contexto comunicativo corrente. São comuns em termos ontológicos, epistêmicos e axiológicos entre a voz textual e a audiência, em que essa opera supostamente com o mesmo conhecimento, crenças e valores emitidos pelas proposições.

Myers (1990 *apud* White, 2003: 263) observa que as *afirmações simples* (não mitigadas) no discurso científico “não são afirmações sobre conhecimentos novos” mas, ao contrário, afirmações sobre “fatos” e conhecimento estabelecido e elas são apresentadas como dialogicamente inertes mesmo em contextos sociais em que poderiam ser contestadas, caso em que se recorre a afirmações como “Eu firmemente acredito”.

Já a respeito do compromisso heteroglóssico, White (2003) ilustra sua proposta com o exemplo:

- (a) O primeiro-ministro Peter Beattie quer que pensemos em que tipo de anti-racista ele é?
- (b) Ou quer mostrar tolerância, que é uma característica importante da sociedade australiana?

Como um membro da sociedade australiana, que conhece a política de seu país, White (2003) fica com a opção (b), ou seja, ele sabe que compartilha da opinião do escritor e essa pergunta é o que ele chama de contração dialógica. Vejamos por quê.

Segundo White (2003: 267), perguntas-retóricas podem ser vistas como dialógicas porque simulam uma troca de turno interativa da comunicação e também são dialógicas porque desempenham duas funções: (a) introduzem uma proposição de tal modo que só ela, dentre outras possibilidades, é possível; (b) apresentam a

proposição como sendo auto-evidente ou de aceitação geral, que não precisa ser declarada pela voz do texto, ficando a cargo do leitor suprir o significado requerido.

Antes de iniciar os recursos persuasivos implícitos, além dos explícitos, julgo importante focar a questão do *frame* discursivo e do alinhamento dos participantes, para entender a razão de os ouvintes serem capazes de captar a avaliação implicitada pelo falante.

1.4 Frames discursivos e o alinhamento dos participantes

O objetivo de *Frame Analysis*, de Goffman (1974), é “tentar isolar alguns dos *frames* básicos de compreensão disponíveis em nossa sociedade para entender eventos e analisar algumas das vulnerabilidades especiais às quais esses frames de referência estão sujeitos” (1974: 10).

Frames são necessários para a percepção e a compreensão de eventos naturais e sociais. Concentrando nestes últimos, os *frames* incluem princípios de organização que governam eventos sociais e que possibilitam responder à pergunta “o que está acontecendo aqui?” Eles provêm unidade e coerência à percepção e interpretação de eventos, e envolvem um certo foco (amplo ou estreito) e uma determinada perspectiva. Eles podem ser transformados em outras chaves (*keying*) (por meio de piada ou por meio da classificação de eventos como sendo, por exemplo, irreal, hipotético, passado ou futuro) ou em “fabricações” (bons ou maus). Por outro lado, como um evento social envolve sempre mais de um indivíduo, o *frame* e a compreensão desses eventos são vulneráveis aos enfoques divergentes de diferentes participantes.

Os eventos de fala não são imutáveis. Eles são dinâmicos, submetidos não somente ao desenvolvimento seqüencial do tópico, mas também à constante mudança de alinhamentos referentes às identidades e relações dos falantes. Os conceitos que Goffman (1981) desenvolveu para captar essa dinâmica do discurso são os de alinhamento (*footing*) e de mudanças de alinhamento. Alinhamentos são as variáveis situacionais atuantes em dado momento durante a interação. Uma mudança de alinhamento significa um reajuste de alguma dessas variáveis pelo falante.

Em geral, ocorre uma mudança de linguagem (*code switching*) devido à mudança para um tipo diferente de interlocutor (e.g. de íntimo para distante); para um tipo diferente de discurso (e.g. de palestra para a discussão subsequente) ou para um tópico diferente (e.g. de específico para geral). Contudo, há mudanças de alinhamento que não envolvem mudança de linguagem, mas que, levando em conta fatores gramaticais, pragmáticos e contextuais, ainda exibem mudanças significativas de alinhamento de falantes com ouvintes.

Foi para fornecer uma base estrutural para a análise de mudança no alinhamento, que Goffman decompôs os papéis de falante e de ouvinte no “formato de produção” de um lado e na “estrutura de participação” de outro. Ambos os papéis, o de falante e de ouvinte, são importantes para a dinâmica dos eventos de fala, mas a autora foca a distinção feita por Goffman do papel de falante em “animador”, “autor” e “principal”.

Para Goffman, o animador é “a caixa sonora em uso, a máquina que fala, ou, se quiserem, um indivíduo ativo no papel de produzir enunciados”. Distintos desse papel são os papéis de autor, “alguém que selecionou os sentimentos que estão sendo expressos e as palavras que são ouvidas” e de principal (responsável), “alguém cuja posição é estabelecida pelas palavras que são faladas, alguém cujas crenças são verbalizadas, alguém que está comprometido com o que as palavras expressam”.

Na medida em que o animador não pode incorporar um papel social, mas meramente preencher um papel analítico no sistema, é o papel de principal que recebe maior atenção de Goffman, por ser um papel determinado socialmente. O principal, entendido como sendo responsável pelas palavras que fala, “no sentido jurídico”, é “uma pessoa ativa em alguma identidade ou papel social, alguma capacidade especial como membro de um grupo, posto, categoria, relação, associação, ou outra qualquer, alguma fonte de auto-identificação baseada socialmente”. E ele continua: “Freqüentemente isso significará que o indivíduo fala, explícita ou implicitamente, em nome de um ‘nós’, não de um ‘eu’, o nós incluindo mais que o eu” (Goffman, 1981: 145).

Geralmente, quando utilizamos o termo “falante”, entendemos que os três papéis coincidem, e que esse fato seja normal. Contudo, as divergências não ocorrem somente no que Goffman intitula de “exceções institucionalizadas”, eventos

nos quais os falantes atuam como, por exemplo, presidentes, juízes, professores, entrevistadores ou como apresentadores de *talk show*. Essas divergências também são abundantes na conversa diária, quando citamos alguém ou nós mesmos, quando nós nos auto-corrigimos, avaliamos ou modalizamos, contando histórias, piadas ou zombando.

Em todas essas atividades, uma mudança de *footing* está envolvida e isso afeta não somente o alinhamento entre nossos papéis de produção, como animador, autor e principal, mas, ao mesmo tempo, também “realinha” o papel de recepção dos nossos ouvintes. Especificamente, cada vez que o falante muda de alinhamento ele percorre uma distância para estabelecer uma base recíproca correspondente de identificação com aqueles a quem o enunciado é dirigido. De certa forma, então, para selecionar a capacidade de atuação, é necessário selecionar a capacidade em que estão os receptores de nossas ações (Goffman, 1981: 154).

Como Goffman afirma, uma mudança de posição é uma tentativa de “realinhar” as relações dos participantes. Como tal, não terá necessariamente de ser aceita pelo destinatário, a não ser, evidentemente, que seja imposta unilateralmente devido a grandes diferenças de poder e *status* e/ou restrições institucionais. Antes, tentativas de mudança de posição podem ser aceitas, negociadas, desafiadas, rejeitadas e/ou podem enfrentar uma contra-mudança. Para que uma mudança seja bem sucedida e, conseqüentemente, para que um novo *frame* de interação seja estabelecido, a tentativa precisa ser aceita pelos destinatários.

Goffman fala muito pouco sobre o papel de produção do autor, principalmente sobre como distingui-lo do principal. Se o papel do principal está definido em termos sociais, e se é este papel que estabelece a posição ou *footing* do falante e lhe permite mudá-lo, e se a mudança de *footing* é algo que é feito predominantemente por meio da língua, qual seria, então, o papel do autor nisso?

Poderíamos tomar a caracterização de Goffman desses dois papéis e olhar para os papéis do autor e do principal de dentro da estrutura lingüística. O autor poderia ser aquele que é responsável pela seleção do conteúdo proposicional da sentença e da maneira pela qual ela é expressa, e o principal seria aquele que toma posição a partir da qual isso é enunciado, afirmando-o, questionando-o, ordenando-o ou endossando-o com valores ilocucionários adicionais, reivindicando *status* de realidade ou irreabilidade para esse conteúdo, modalizando-o ou não, aceitando a

responsabilidade pelas palavras pronunciadas ou atribuindo-as a outras pessoas, etc.

Contudo, o aspecto lingüístico é apenas uma parte do que Goffman pretende capturar na tentativa de explicar a fluência da fala e a multiplicidade de papéis de fala. Sua outra preocupação está nas regras sociais, com tipos de discurso e eventos de fala e com os modos pelos quais os participantes mudam entre eles. Nesse nível do discurso, o papel do principal cuidaria em estabelecer e mudar os alinhamentos com respeito à identidade social do falante e sua relação social com outros participantes.

O papel do autor, por outro lado, seria responsável pela seleção do tópico e a maneira pela qual ela é realizada lingüisticamente. Assim, parece que o modelo de Goffman funciona de em dois níveis de organização, no nível do enunciado e no nível do discurso. Contudo, a questão de como os dois se relacionam, permanece um problema na abordagem social de Goffman, tanto na pragmática lingüística quanto na análise do discurso.

A seguir, trato de quatro recursos utilizados pelo falante que ajudam a mostrar como a persuasão recorre a modos aparentemente neutros, mas que sabe serem carregados retoricamente, para ganhar a adesão do interlocutor. Entra aqui o posicionamento do falante, evidente por meio de avaliações que ele faz, tanto em relação ao interlocutor, quanto em relação ao conteúdo da mensagem que veicula. Esses recursos são: (a) vozeamento/ventriloquismo; (b) a argumentação secreta; (c) o contrabando de informação; e (d) a informação direcionada (*“dog-whis” politics*).

1.5 Vozeamento e ventriloquismo

Segundo Wortham e Locher (1996), os falantes – assim como os jornalistas – avaliam os outros, implicitamente, enquanto falam de modo aparentemente neutro. A fala comunica muito mais do que apenas um conteúdo denotacional. Um romancista, por exemplo, não só representa mundos sociais; ele justapõe certas vozes de modo a expressar uma avaliação sobre eles.

Os autores, apoiando-se nos conceitos de vozeamento (*voicing*) e ventriloquismo (*ventriloquation*), de Bakhtin (1981[1935]), mostram como os falantes

utilizam-se desses instrumentos para expressar avaliações implícitas. Assim, falar com uma voz é usar palavras que nos identificam como vindos de um local socialmente reconhecível. Já o *vozeamento* é o processo de misturar várias vozes em uma interação coerente, para o qual Bakhtin usa uma metáfora musical: as vozes são orquestradas em um todo coerente. O que torna um texto coerente não é apenas a estrutura do tema, mas o modo como o autor representa as vozes reconhecíveis e as coloca em uma interação imaginada.

Porém, afirmam Wortham e Locher (1996), essa representação e justaposição de vozes não é objetiva. A voz do autor sempre se move e avalia as várias vozes do discurso. Ou seja, o autor “fala, como se fosse, por meio da linguagem, uma linguagem que de alguma forma mais ou menos se materializou, tornou-se objetivada, e que ele meramente *ventriloquiza*” (Bakhtin, 1981 [1935]).

Assim, ventriloquismo é um autor “falando por meio” de uma pessoa, alinhando-se ou distanciando-se dela. Bakhtin diz que, quando um autor apresenta a voz de outro, ele inevitavelmente toma uma posição avaliativa em relação a esse outro. O autor comunica sua posição social e ética falando como um ventríloquo pelas personagens – usando a fala delas para expressar sua própria posição.

Por seu lado, Lauerbach (2006) estuda a constituição de identidades e relações por meio da representação do discurso. Ela usa a noção de vozeamento e de ventriloquismo, para analisar entrevistas com políticos dos partidos Conservador e Trabalhista ingleses pela BBC e ITV, durante os especiais da noite da eleição de 1997. As práticas de entrevista diferem com respeito a: (a) os conservadores são apresentados por meio de vozes críticas e controvertidas de dentro de seu próprio partido, de tal forma a construir um debate interno no partido, que está profundamente dividido; (b) na ausência de dissenso dentro do partido, os políticos trabalhistas foram confrontados com o ventriloquismo a respeito daquilo que eles poderiam temer, pensar e planejar sobre itens sensíveis da política, de tal forma a lançar uma dúvida na unida frente trabalhista, e a fazer prenciar futuros debates e outras questões partidárias.

Além da construção de debate e disputa, as práticas de vozeamento e ventriloquismo têm o efeito de personalizar e dramatizar o discurso político e, na interação entre entrevistador e entrevistado, construir implicitamente identidades e relações. A prática do ventriloquismo, normalmente usado para bebês e animais de

estimação, apareceu nos dados aplicado às mulheres, aos derrotados e despossuídos socialmente e, nesse caso, aos trabalhistas.

No relato da política, o papel construtivo da mídia tem sido notável, conforme muda, na democracia, a função da mídia que passa de mediador ou guardião a quase a própria instituição política. Blumsler e Gurevitch (1995: 134) notaram que o processo editorial da TV produz uma versão da campanha em que um dos “instrumentos de empacotamento” empregado é a justaposição contínua de declarações feitas pelos partidos, sobre o qual eles dizem:

contrapondo continuamente a afirmação de um partido e a de seus rivais, os jornalistas parecem estar promovendo uma comunicação inter-partidária provocando comentários e ações que não aconteceriam de outro modo. Eles ajudam a orquestrar a campanha, mesmo não tendo escrito a partitura inicial (Blumsler e Gurevitch).

Quanto à introdução de voz no discurso, Fairclough (1989) distingue quatro casos:

- (a) *Discurso Relatado Sinalizado*: são representações do discurso relatado tradicionalmente analisadas:
 - (i) *Discurso Direto (DD)*: Sra. Thatcher avisou os colegas do Gabinete: “Eu não vou aceitar nenhum deslize”.
 - (ii) *Discurso Indireto (DI)*: Sra. Thatcher avisou os colegas do Gabinete que não aceitaria nenhum deslize.
- (b) *Discurso Relatado Não-Sinalizado*: é a categoria sugerida por Fairclough para acomodar os casos em que outra voz é introduzida sem que seja representada como discurso relatado:
 - (iii) *Discurso Indireto Livre (DIL)*: Sra. Thatcher não aceitará nenhum deslize (como manchete de jornal).
 - (iv) *Discurso Direto Sinalizado (entre DD e DI)*: Sra. Thatcher avisou os colegas do Gabinete que ela “não aceitaria nenhum deslize”.

A representação do discurso de outros funciona como um instrumento pelo qual um interlocutor pode distanciar-se do que está sendo expresso, posicionando-se em um universo dialógico de vozes bakhtiniano além da sua própria voz (White,

2003). Em termos de Goffman (1974; 1981), a *figura*¹ além do falante está sendo animada sem que ela seja entendida como sendo a autora das palavras ou a responsável por elas. Esse tipo de representação do discurso é chamado por Lauerbach de “vozeamento”.

Contudo, se a representação-imitação for feita pondo as palavras de alguém na boca de outros (e.g. falando para animais de estimação ou usando a fala-de-bebê) a isso Goffman (1974: 536) chama de “*say-foring*” ou ventriloquismo e é um modo vívido de fazer atuar o próprio discurso por meio de outro, e que não tem sido considerado em análises lingüísticas e pragmáticas como sendo discurso indireto, prossegue a autora.

Obviamente, a habilidade de fazer esse tipo de coisa aumenta imensamente o potencial estratégico dos comunicadores, do que decorrem em numerosas funções para a representação do discurso. Essas funções dependem em larga extensão do tipo de atividade ou gênero, bem como dos interlocutores. Para as entrevistas em jornal, Clayman (1988) mostra que é rotineiro o emprego dessa prática pelos entrevistadores. Ela permite que se incorpore um ponto de vista ou opinião em perguntas, sem endossá-las, porém, convidando o entrevistado a reagir. Podem, assim, pelo menos na superfície, manter um posicionamento neutro e imparcial requerido pelo código profissional.

1.6 A argumentação secreta

Kitis e Milapides (1996) analisam um artigo da revista *Time* e mostram como instrumentos retóricos são empregados no nível interpessoal como veículos inoportunos para expressar um argumento no nível do “não-dito”: o nível da coerência subjacente do texto. Tais instrumentos ajudam a transformar o discurso em uma sedutora argumentação secreta (cripto-argumentação), contribuindo, assim, para a construção geral da ideologia do texto. Assim, por exemplo, pode-se transformar uma narrativa em um cripto-argumento, já que as avaliações do autor não são oferecidas como algo à parte – claramente marcadas como tal pela estrutura narrativa – mas sim propositadamente *incorporadas* na estrutura do próprio

¹ Ver item 1.7.1, p. 70.

texto em vários níveis, transformando a estrutura narrativa em uma estrutura argumentativa.

Os autores salientam o fato de um texto poder não apenas informar, mas informar sob certa perspectiva, i.e., a analisar a situação, comentar sobre ela e ajudar a formar a opinião pública. Nesse sentido, Kitis e Milapides referem-se à convicção e à sedução como processos que se incluem em uma relação de espécie-para-gênero, no hiperprocesso da persuasão.

A convicção envolve uma lista de passos argumentativos que – espera-se – deverão ser aceitos pelo leitor. Pelo fato de incluir a ativação e a participação do sistema cognitivo, essa recepção constitui-se em um processo cognitivo. Mas, a persuasão cerceia a participação cognitiva do leitor no processo de aceitar a perspectiva do autor e, nesses casos, podemos falar de “sedução” em vez de convicção. Sornig (1988: 97 *apud* Kitis e Milapides, 1996) nota que: “a persuasão sedutora tenta manipular a relação que obtém ou está para ser estabelecida entre falante e ouvinte”.

Pode-se conjecturar, continuam Kitis e Milapides (1996), que os mecanismos de sedução na relação entre o persuasor e sua “vítima” ou “cúmplice” sejam identificáveis tanto no nível do texto quanto no do subtexto, i.e., não somente no nível de léxico, estruturas e figuras de linguagem como componentes da estrutura local do texto, mas também no nível de sua coerência geral. Segundo Van Dijk (1988), o que está implícito em tudo isso é a seleção de um certo estilo. Ele conclui: “O estilo, assim, parece ser capturado pela conhecida frase ‘dizer a mesma coisa por meio de diferentes modos’” (*ibid.*: 73).

A escolha lexical, escreve Van Dijk (1988: 177), “é um aspecto eminente do discurso da notícia na qual opiniões ou ideologias camufladas podem se superficializar”.

Kitis e Milapides estão interessados nas estruturas lingüísticas como instrumentos de representação de certo tipo de realidade, e, portanto, indiretamente como possíveis instrumentos de controle das percepções da “realidade” e de articulação da ideologia. Os autores apontam para a necessidade de se focalizar o conteúdo semântico dessas estruturas.

Em uma perspectiva pragmática mais ampla, a modalidade é vista em termos de aspectos lingüísticos que refletem a atitude do falante ou do escritor em relação a o que fala e em relação ao seu interlocutor. Contudo, os julgamentos de valor são disfarçados em vez de serem substanciados. Para Kitis e Milapides (1996), a modalidade é um determinante ideológico de textos, ou melhor, do discurso, e, como tal, pode ser explorado na construção de um discurso político.

1.7 O contrabando de informação

O termo “contrabandar informação” é usado por Luchjenbroers e Aldridge, (2007) para descrever a inserção de uma informação de forma subreptícia na declaração. Segundo eles, as representações inspiram modelo de base positiva ou negativa que os ouvintes precisam para avaliar as ações e possíveis motivos dos participantes. Para tanto, o *frame* semântico (Fillmore, 1982) é um dos instrumentos teóricos usados para apreciar a força inferencial de tais modelos de base. Os *frames* são conjuntos de informação aceitos culturalmente que envolvem qualquer termo lexical. Para as autoras, a adequação do *frame* escolhido é também importante para “contrabandar uma informação”.

Componentes adicionais de significado são derivados dos *frames* de referência associados com cada escolha lexical, i.e., cada escolha desencadeia uma rede mais ampla de associações prototipicamente presentes no uso desse termo. O acesso do interlocutor a essas associações depende de sua experiência e compreensão das normas sociais das quais as escolhas lexicais são derivadas.

Do ponto de vista da lingüística/semântica cognitiva do significado lexical, o significado é “enciclopédico” por natureza: o sentido de uma palavra não está divorciado do seu contexto de uso. Assim, o significado lingüístico está codificado na memória como um tipo de rotina cognitiva que se apóia em experiências do mundo, e a ativação de um conceito desencadeia os conceitos relacionados na memória. As associações que o falante traz para o discurso nos descritores que ele usa para falar sobre pessoas, ações e eventos influenciam (com o óbvio intento de manipular) o modo que os ouvintes avaliam a informação que lhes é apresentada.

Assim, segundo a proposta de Luchjenbroers e Aldridge (2007), uma vez que um *frame* é acessado, todas as informações associadas relevantes a esse *frame* e traços contextuais adicionais ficam imediatamente disponíveis para inferências suplementares.

E, outro ponto importante dessa proposta é que, juntamente com cada enunciado que produzimos, podemos ativa ou inconscientemente deixar pistas para a audiência sobre como percebemos as pessoas, ações e eventos no mundo que nos cerca. Mais ainda, cada escolha lexical ativa que fazemos revela mais diretamente como encorajamos os outros a pensar sobre certas pessoas, ações e eventos. Uma maneira de se fazer isso é por meio da informação direcionada.

1.8 A informação direcionada (“dog-whistle” politics)

Para Coffin e O’Halloran (2006), jornalistas políticos tornaram-se mais cuidadosos no modo como comunicam suas mensagens. Como um “apito de cão” (que as autoras chamam de “*dog whistle politics*”): sons ouvidos somente por cães, devido à sua alta frequência), políticos ou jornalistas podem pronunciar a mensagem “alto o suficiente” para que sua base política ou o leitor-alvo ouçam, mas (eles esperam) fora do alcance daqueles cujos ouvidos não estão ajustados para a mensagem e, como resultado, isso a faz menos direta.

Os autores demonstram como pessoas e eventos podem ser representados de tal forma que os jornalistas não possam ser acusados facilmente de racismo, intolerância, etc., enquanto, todavia, comunicam uma mensagem pretendida (que muitas vezes é negativa) para o leitor-alvo. Os autores entendem que o efeito de posicionamento de certas frases depende parcialmente de quanto o leitor-alvo tem sido preparado e posicionado pelas leituras prévias para que faça uma interpretação e não outra. Isso não quer dizer, continuam os autores, que se pode prever uma interpretação real ou compreensão por um leitor de fato, mas, que os leitores ficarão mais propensos a se alinhar com os valores implícitos e codificados presentes em uma notícia se eles tiverem sido expostos repetidamente a esses valores.

A expressão “*dog-whistle politics*” foi cunhada recentemente para capturar a forma de avaliação implícita (Coffin e O’Halloran, 2006: 77). É onde a comunicação

política usa significados aparentemente neutros, mas que devem ser “entendidos” como uma mensagem negativa pela comunidade-alvo. Coffin e O’Halloran (2006) exploram o uso do jornalismo do “apito de cão” no tablóide popular britânico *The Sun*, examinando uma reportagem publicada em 1º de maio de 2004, dia em que dez novos países se agregaram à Comunidade Européia (CE).

Para explicar sistematicamente o efeito do posicionamento da forma implícita de avaliação e para evitar a hiperinterpretação, Coffin e O’Halloran (2006) sugerem a confrontação da referida reportagem com um *minicorpus* (*Sun minicorpus*: coleta entre 23 e 30 de abril 2004, uma semana antes da reportagem de 1º de maio), além de um outro *corpus* (45 milhões de palavras: *Sun now corpus*). Verificou-se, então, que a avaliação direta de um fenômeno de um intratexto prévio prepara o leitor para uma avaliação indireta do mesmo fenômeno; o mesmo ocorreu com a avaliação direta de fenômeno relacionado em um intertexto prévio. Os autores chamam atenção para o que se chama de logogênese, construção gradual dinâmica do significado no desdobrar do texto (Halliday, 1994).

Essa análise combinada fornece uma explicação empiricamente fundamentada e sistemática de como a reportagem de 1º de maio parece posicionar os leitores do *Sun* para ver os novos cidadãos da CE como uma ameaça ao estilo de vida e sistema de seguro ingleses – apesar do fato de não haver palavras expressando diretamente tal ponto de vista. Assim, são frases que – se descontextualizadas – não carregam mensagem negativa.

Vejamos a tradução do texto publicado no *The Sun*: não há nenhuma avaliação negativa em relação aos migrantes.

Os migrantes são os primeiros de muitos

(por Nick Parker, Charles Rae e Charles Yates)

A HISTÓRIA será feita hoje na medida em que novos cidadãos da Comunidade Européia (CE) começam a deixar suas pátrias para novas vidas na Inglaterra.

Eles virão às centenas em ônibus, trem e avião, desesperados por trabalho pago decentemente – ou por qualquer emprego.

Eles são cidadãos de dez novos estados-membro da CE que agora têm o direito de viver e de trabalhar na Inglaterra.

Esses estados são a República Tcheca, a Estônia, a Hungria, a Letônia, a Lituânia, a Polônia, a Eslováquia, a Eslovênia, o Chipre e Malta.

Oito são estados muito pobres da antiga União Soviética no leste europeu – com uma população totalizando 75 milhões.

Nosso governo diz que há meio milhão de empregos esperando aqui para serem preenchidos.

Em um artigo no *The Guardian* (um jornal britânico que assume posição amplamente liberal) (Coffin e O'Halloran, 2006: 77), as autoras citam o comentário do jornalista, David Aaronovitch:

Por que a menção gratuita de pessoas que procuram asilo e vivem felizes com o seguro social? Qual é a função dessa frase? Sabemos do que se trata; é um código. Eles vêm para cá, eles tiram nosso dinheiro, levam vantagem sobre nós. Você sabem quem: os estrangeiros, os de fora, os palhaços. Aqueles de quem você se ressentir – e sabe por quê? Você está certo! (Aaronovitch, 2004 *apud* Coffin e O'Halloran, 2006: 78).

Assim, examinarei o *talk show* tendo em vista que pessoas e eventos podem ser representados de tal forma pelos jornalistas que muitas mensagens negativas podem ser comunicadas por meio de avaliações implícitas.

1.9 A Análise (crítica) do Discurso e a Teoria da Argumentação

Pouco se sabe sobre as práticas de apresentadores e políticos em entrevistas em *talk shows*, diz Lauerbach (2007). Para Drew e Heritage (1992), entrevistas em *talk shows* podem ser alternativas “mais informais e à vontade” para os políticos do que as tradicionais entrevistas “peso-pesado” envolvendo adversários.

Metodologicamente, a autora suplementa a abordagem de Análise Crítica do Discurso por meio de métodos de análise de argumento, de Toulmin (1958). O uso da análise do argumento, diz ela, é necessário para a análise de eventos, por natureza, argumentativos conflitantes e competitivos caracterizados por alegações e contra-alegações, por debates acalorados e retórica mordaz.

Lauerbach começa descrevendo alguns traços da argumentação como uma prática discursiva. Ao tratar da entrevista em *talk show* - um gênero complexo, em sua opinião, a autora caracteriza os aspectos desse gênero, com foco no hibridismo genérico, mudanças genéricas e mudanças de *footing*.

A argumentação é uma prática discursiva essencialmente dialógica: reivindicação e desafio, reivindicação e contra-reivindicação, são prototipicamente realizados de forma dialógica. Portanto, são seqüências de pergunta-resposta que subjazem à lógica do argumento cotidiano. Segundo a teoria de Toulmin (1958), cada uma de suas categorias teóricas [de *Reivindicação*, *Dados*, *Garantia*,

Qualificação, Refutação e Apoio] está potencialmente sujeita a desafios com respeito à sua validade. A seqüência de movimentos dialógicos mostrados em (1), abaixo, foi reconstruída por Lauerbach a partir do modelo de Toulmin aplicado a um diálogo argumentativo fictício entre A e B:

- (a) *Reivindicação*: asserção pela qual nos comprometemos. [e.g. Tom é cidadão britânico.]
- (b) *Dados*: fatos que oferecemos para apoiar a reivindicação. [Ele nasceu nas Ilhas Bermudas.]
- (c) *Garantias*: registro, implícito, da legitimidade do passo envolvido para passar dos Dados para a Reivindicação (2006 [1958]: 143). [Há uma lei que garante essa reivindicação.]
- (d) *Qualificação*: inserção de um qualificador [Ele é *certamente* um cidadão britânico.]
- (e) *Refutação*: circunstâncias nas quais não se aceita a autoridade geral da garantia. [Mas seus pais não são cidadãos britânicos.]
- (f) *Apoio*: afirmações categóricas que são expressas quando refutador não aceita validade da Garantia. [A afirmação de que os estatutos sobre a nacionalidade britânica foram de fato transformados em lei] (Toulmin, 2006 [1958]: 153).

A argumentação racional, como todas as atividades cooperativas de pergunta-e-resposta, é um recurso para a construção de um conhecimento consensual socialmente compartilhado. Ele está no centro da teoria de consenso da verdade de Habermas (1981): A argumentação resulta de e suspende “a ação comunicativa” quando um ato de fala é desafiado em sua validade em relação à verdade das asserções, à autoridade legítima dos diretivos e aos requisitos de sentimentos autênticos nas expressivas (Habermas, 1981 *apud* Lauerbach, 2007). Nesses casos, os participantes se movem para um meta-nível da discussão “discursivo/lógica” até a disputa ser resolvida.

Isso não significa, porém, que a argumentação não possa ocorrer em discurso ou texto monológico. Oradores e autores podem apresentar questões retóricas e, então, ir adiante e respondê-las eles mesmos. Dessa forma, eles podem construir

seus argumentos antecipando possíveis objeções da audiência ou de leitores projetados.

A teoria da argumentação interessa à análise do discurso principalmente com respeito a dois conceitos: (a) o conceito de *falácia* ou raciocínio falho; (b) o conceito de *entimema*, ou premissa implícita de um argumento. Usando-se o entimema, a análise do discurso ganha um conceito e um procedimento sistemático para a reconstrução de um tipo específico de significado implícito, ou seja, a premissa não-expressa de um argumento. O entimema é um silogismo abreviado, um argumento incompleto ao qual a audiência provê inconscientemente a premissa que falta:

O construto teórico do entimema permite ao crítico examinar a interação entre um falante, um texto e uma audiência. Na criação e na resposta a entimemas, falante e audiência revelam suas crenças e valores não-declarados, revelam sua ideologia ou 'filosofia implícita' sobre a natureza da realidade, a natureza de sua comunidade e a concepção das relações sociais apropriadas (Gill e Whedbee, 1997 *apud* Lauerbach, 2007: 171-172).

A premissa implícita, subjacente, é freqüentemente expressa lingüisticamente em forma condensada via conjunções de contraste, causalidade, condicionalidade, concessão, comparação ou graduação (e.g. Ele é pobre, mas é limpinho.). Esses silogismos abreviados baseiam-se em premissa avaliativa (todo pobre é sujo), que é pragmaticamente inferido pelos falantes como sendo um conhecimento indiscutivelmente compartilhado entre eles. Em outros casos mais complexos, a premissa pode estar contida em discurso mais extenso e/ou precisa ser inferida do contexto.

Premissas não-expressas são reconstruídas na presente análise pelos passos dialógico-hipotéticos do esquema de argumentação proposto por Toulmin (1958). Os passos desse esquema permitem ao analista, forçá-lo até, a definir precisamente a Reivindicação feita e a descrever os Dados apresentados para apoiar a Reivindicação ao explicar a estrutura de um argumento. Além disso, a inferência/licença, que permite garantir a Reivindicação a partir dos Dados, deve ser reconstruída, assim como as circunstâncias nas quais se apóia a própria licença e as condições sob as quais a Reivindicação pode ser refutada.

O outro conceito promissor para a análise do discurso é o conceito de *falácia* ou raciocínio falho. É compreensível que analistas do discurso queiram encontrar na teoria da argumentação um procedimento de avaliação da aceitabilidade ou da

insuficiência de argumentos em seus dados, bem como da reação imediata dos próprios participantes; esse procedimento se torna mais imprescindível porque, em textos monológicos e em alguns textos dialógicos da mídia, os analistas não têm acesso a essas reações. Mas, a questão do critério de avaliação é complexa na teoria da argumentação. Por isso, no trabalho de Toulmin, a validade de conclusões argumentativas leva em conta os contextos discursivos em que elas ocorrem, tais como domínios de tópicos e de instituições.

O modelo de Walton e Krabbe (*apud* Lauerbach, 2007: 65-85) cuida dos casos em que o que seria uma falácia em um tipo de discurso pode ser admissível em outro. Um exemplo é a ameaça, que seria uma falácia numa discussão crítica, mas pode ser movimento argumentativo legítimo em uma negociação. Eles também permitem a “mudança” de um tipo de discurso a outro dentro de uma argumentação, assim como “temperar” um tipo de discurso com outro. Na visão deles, “muitas falácias são mudanças proibidas de um tipo diálogo para outro” (*apud* Lauerbach, 2007: 115).

Lauerbach (2007) distingue no gênero *talk show*, a entrevista com celebridade, a entrevista com políticos e a entrevista com especialista sobre determinado assunto e diz que elas compartilham inúmeros aspectos constitutivos.

Primeiro, todos incorporam a prática discursiva de questionar e responder que, em um nível estrutural, produz a seqüência pergunta-resposta, com ou sem expansões. Segundo, todos são caracterizados pela mesma distribuição de papéis, todos têm um entrevistador como representante de uma organização da mídia e um entrevistado. Os políticos, que desempenham o papel de entrevistados, são os representantes de seus grupos; os *experts* são representantes de sua profissão e as celebridades representam o seu papel de estrela.

Terceiro, para Lauerbach (2007), outra característica compartilhada é a distribuição específica dos papéis entre o entrevistador e o entrevistado para a atividade de perguntar e responder perguntas. Esta característica é mais evidente em entrevistas de notícias e pode ser mais descontraída em entrevistas com celebridade. Quarto, todos os tipos de *talk show* citados são diálogos realizados por uma terceira parte: a audiência. Essa audiência pode consistir de uma audiência do estúdio, bem como de uma audiência em casa.

Continuando, em *shows* com participação de audiência, os membros do estúdio podem participar ativamente, como também os membros da audiência de casa podem participar por meio de telefone, *e-mail* ou fax. Enquanto notícias e entrevistas de atualidades podem incluir a participação da audiência do estúdio e da audiência de casa. Essa participação é mais comum em *talk shows*.

Quinto, os entrevistadores controlam o diálogo, eles introduzem os entrevistados e os tópicos do programa. Como os entrevistadores formulam as perguntas, abrem o turno, eles têm uma posição de poder, estabelecendo uma forte expectativa de resposta do entrevistado. Por último, a coação social de responder a uma pergunta é reforçada pelo fato de que as entrevistas estão engajadas em um contexto de uma instituição midiática, isto é, pelo propósito do evento e pelas metas dos participantes. Entrevistadores em entrevistas de notícias se esforçam para descobrir uma perspectiva atualizada e interessante de eventos e seus protagonistas principais.

Por outro lado, entrevistadores em *talk shows* têm em vista entreter a audiência, permitindo que as celebridades façam seu estrelato publicamente. Políticos em entrevistas de notícias e celebridades em entrevistas de *talk show* aspiram a uma boa publicidade, assim como os *experts*, embora em menor grau. Políticos podem alcançar isto em troca de informação e opinião, celebridades em troca do desempenho do papel cultural da estrela, e *experts* em troca de conhecimento popularizado que ajusta os tópicos do entrevistador.

Toda essa atividade discursiva é feita por meio de pergunta e resposta, uma prática que está semântica e pragmaticamente no centro do que se alcança pela prática social da entrevista. Questões são proposições semanticamente incompletas, e, dependendo de sua forma (qu-, polar ou alternativa), elas pressionam o interlocutor a completar a proposição de um determinado modo. Se o interlocutor preencher essa expectativa, então veremos funcionar um dos recursos discursivos mais elementares da construção do conhecimento consensual, socialmente compartilhado:

pergunta e resposta juntas formam uma declaração – uma declaração produzida por duas pessoas. Não é uma pessoa dizendo uma coisa e a outra dizendo outra coisa, como seria o caso em que o interlocutor expressasse desacordo em vez de responder; são duas pessoas dizendo uma coisa juntas (Bell e Van Leeuwen, 1994: 6-7 *apud* Lauerbach, 2007).

Para Bell e Van Leeuwen, essa construção colaborativa de algo novo corresponde tanto ao potencial criativo das perguntas em trazer novas idéias quanto ao seu poder manipulativo, sua "habilidade de fazer as pessoas falarem aquilo que, de outra forma, poderiam não dizer, e reforçar o consenso" (1994:7 *apud* Lauerbach, 2007).

A prática de pergunta e resposta é, contudo, um tanto diferente em uma entrevista de notícias políticas e em uma entrevista de especialista em atualidades, e ambas diferem de uma entrevista com celebridades em *talk show*.

Lauerbach (2007) chama atenção para o fato de que os convidados-celebridades de *talk show* sempre têm um propósito adicional, além de "ser estrelas". Eles podem querer promover seus últimos livros ou filmes e/ou aumentar seu próprio valor de mercado em geral. No caso de políticos, eles podem querer pedir apoio para seu posicionamento em um tema e geralmente promover a aceitação de seus partidos, assim como impulsionar suas imagens e o peso político do partido na esfera pública. Assim, a face que está por detrás da máscara é motivada-aproveitadora pelo interesse comercial no caso da estrela-celebridade, e por interesse político, no caso do político-celebridade.

Essas hierarquias de objetivos relacionados implicacionalmente nos levam a esperar mudanças genéricas e "temperos", que, em retorno, podem afetar o que pode contar como um argumento legítimo e o que pode contar como falácia na análise. Em *talk show* de celebridades, por exemplo, o discurso pode mudar entre conversa casual para ser privado, emocional e vivo, e discurso promocional beirando a propaganda para exaltar as realizações de uma pessoa e fazer a construção de imagem.

1.10 Fundamentos interpessoais da conversa indireta

As pessoas freqüentemente falam indiretamente. O ato de fala indireto é um desafio para as teorias do uso da língua e para as teorias da interação social; a primeira precisa explicar como esses atos são produzidos e compreendidos, e a segunda precisa explicar por que esses atos ocorrem e que papel eles têm na interação social. Para Holtgraves (1998), a explicação da produção e da

compreensão do ato de fala indireto (o *como* do ato indireto) envolve a consideração da questão interpessoal da fala indireta (o *porquê* do ato indireto).

De acordo com Grice (1975), a comunicação é possível porque os interlocutores obedecem mutuamente o Princípio da Cooperação (PC). O PC consiste em quatro máximas gerais de: relevância, quantidade, qualidade e modo. Um falante que se conforma a essas máximas produz atos nítidos, claros e maximamente eficientes. Mas os falantes podem (e freqüentemente isso acontece) desobedecer a essas máximas e, assim fazendo, expressam significados não-literais. Se um ouvinte supõe que o falante esteja sendo cooperativo, então as violações do CP devem fazê-lo entender que o falante quer significar algo diferente daquilo que está dizendo literalmente. Como resultado, o ouvinte deve gerar uma implicatura conversacional (i.e., uma leitura não-litera do que o falante diz). Mas este modelo é decididamente fraco como uma explicação socio-psicológica da comunicação: não considera o porquê de as pessoas expressarem significados indiretos.

As violações nem sempre são intencionais, mas quando o são, na interação face-a-face, o ato indireto parece ser motivado, na maioria das vezes por considerações interpessoais, pela sensibilidade mútua dos participantes aos pensamentos e sentimentos do outro.

Uma abordagem útil e popular para a conceituação de como as necessidades interpessoais são lingüisticamente realizadas é a teoria da polidez, de P. Brown e Levinson (1987), uma teoria baseada nos importantes escritos de Goffman (1974) sobre face e trabalho de face. Face, de acordo com Goffman, é a exposição pública do *self*, e trabalho de face refere-se às comunicações designadas para criar, apoiar ou desafiar a face. P. Brown e Levinson adotaram e subdividiram o conceito de face em dois desejos universais: um desejo por autonomia e liberdade em relação à imposição (*face negativa*), e um desejo por ligação e solidariedade com o outro (*face positiva*).

A face é considerada frágil e sujeita à contínua ameaça durante a interação social. No modelo de P. Brown e Levinson, os atos verbais podem ameaçar a face positiva e/ou negativa do falante e/ou do ouvinte. Um pedido, por exemplo, ameaça a face negativa do ouvinte (i.e., força-o a fazer algo); desacordos ameaçam a face positiva do ouvinte. A face do falante pode também ser ameaçada. Por exemplo,

uma promessa ameaça a face negativa do falante (pois restringe sua liberdade subsequente), e pedido de desculpas ameaça a face positiva do falante (via admissão de um erro).

A interação social apresenta um dilema para os interlocutores. De um lado, as pessoas são motivadas a manter sua face positiva ou negativa. De outro lado, elas precisam realizar atos que ameaçam essas motivações. Esse dilema é resolvido pelo trabalho de face (Goffman, 1974), ou, mais especificamente, pela polidez (P. Brown e Levinson, 1987). De fato, o trabalho de face, ou polidez, pode ser considerado como um pré-requisito para ordenar a interação social.

Para exemplificar: fazer um pedido a alguém é obrigá-lo a algo, e por isso ameaça a sua face negativa. Pedidos que obedecem às máximas de Grice seriam realizados com o imperativo. Embora essa forma seja clara e não-ambígua, ela ameaça a face negativa do ouvinte, e, por isso, o imperativo é raramente usado, sendo os pedidos realizados de maneira indireta.

Uma das maiores atrações do modelo de P. Brown e Levinson é que ele liga a ameaça da face e, portanto, a polidez, com a fundamental dimensão da interpessoalidade do poder e da distância. Assim, as pessoas tenderiam a ser mais polidas com as mais poderosas, com as menos familiares e em relação a atos impositivos. Alguns pesquisadores relatam um aumento de polidez associada ao aumento de distância (Holtgraves e Yang, 1992). Portanto, a comunicação indireta (i.e., o significado do falante) ao ser reconhecido pelo ouvinte, expressa graus variados de polidez e, conseqüentemente, a percepção pelo falante da situação interpessoal.

A comunicação bem sucedida, requer que o ouvinte não somente reconheça a polidez, mas também o ato que está sendo realizado indiretamente (i.e., o significado do falante). Mas como ocorre esse reconhecimento? O que o resultado de várias experiências feitas para investigar a compreensão de pedidos indiretos convencionais (i.e., interrogativa para pedir) e não convencionais (e.g. "Está quente aqui" como um pedido para o ouvinte abrir a janela) sugere é que o processo de inferência, de Grice, não é requerido para a compreensão do primeiro, mas nem sempre é necessário para a compreensão do segundo, isto é, estes últimos podem depender do *status* do falante. Os ouvintes os compreendem mais rapidamente quando o *status* do falante é maior.

O efeito do *status* do falante na compreensão de pedidos indiretos não-convencionais demonstra o papel realizado pelo contexto interpessoal nessa compreensão. As pessoas não só realizam atos de fala quando usam a língua; elas realizam simultaneamente atos interpessoais. A compreensão do uso da língua, e os atos de fala indiretos em particular, requer a consideração dos fundamentos interpessoais da língua.

1.11 A Análise da Conversação

Os reivindicantes originais do título de analistas da conversação foram os sociólogos para quem a conversação forneceu dados importantes ao estudo de como as pessoas fazem sentido em sua vida social diária. Com a liderança intelectual de Sacks (1974) *apud* Eggins e Slade (1997), em colaboração com Emmanuel Schegloff e Gail Jefferson (Sacks e outros, 1974), essas análises etnometodológicas foram as primeiras inseridas nas análises detalhadas da conversa diária, porque acreditavam que “o estudo detalhado de um pequeno fenômeno pode oferecer uma compreensão enorme do jeito que os seres humanos fazem as coisas”.

Marcuschi (2003) reconhece a conversação como a prática social mais comum e que cria um espaço privilegiado para a construção de identidades sociais no contexto real. O autor propõe que a análise da conversação deva se preocupar com aspectos lingüísticos, paralingüísticos e socioculturais, para que possa oferecer resultados, não somente organizacionais, mas também no plano da interpretação.

Eggins e Slade (1997) sugerem que, apesar da conversa casual às vezes parecer trivial e sem propósito, ela é, de fato, uma atividade semântica altamente estruturada, funcionalmente motivada pelas necessidades interpessoais contínuas para estabelecer quem somos, como nos relacionamos com os outros e o que pensamos sobre o mundo. A conversa casual é um gênero lingüístico crítico para a negociação de dimensões tão importantes de nossa identidade social como gênero, situação geral, sexualidade, classe social, etnicidade, e filiações a grupos e cultura. As autoras argumentam que a conversa casual está relacionada à construção da realidade social.

Eggins e Slade (1997) apontam a variedade existente de propostas, funcional e semiótica, para o estudo da linguagem as quais oferecem um *frame* teórico e técnicas analíticas que descrevem e explicam como a linguagem nos capacita a iniciar e a sustentar uma conversa casual. O aspecto mais freqüente da competência pragmática é a habilidade de fazer uso de uma variedade de funções da linguagem. As autoras esclarecem o seu posicionamento pela citação do lingüista funcional, Halliday (1978:40), ao destacar que:

É natural que se conceba, antes de tudo, o texto como conversação: como o intercâmbio de significado espontâneo na interação cotidiana. É neste tipo de contexto que a realidade é construída, nos encontros micro-semióticos da vida diária (p. 6 – 7).

A aparente trivialidade da conversa casual disfarça um trabalho interpessoal significativo que mostra como os participantes atuam e confirmam as identidades sociais e relações interpessoais. Entretanto, as análises de conversa evidenciam que ela é mais do que trivial e que, de fato, a conversa casual constrói a realidade social. Berger e Luckmann (1966 *apud* Eggins e Slade, 1997) declararam que a conversa é o mais importante veículo de manutenção da realidade; que a elaboração do mecanismo conversacional de um indivíduo em seu cotidiano é contínua, modifica e reconstrói sua realidade subjetiva.

É importante realçar, contudo, que a maior parte da manutenção da realidade na conversa é implícita, não explícita. A maioria das conversas não define com muitas palavras a natureza do mundo. Antes, assume uma posição contra o *background* de um mundo que é, silenciosamente, tomado como certo.

Eggins e Slade (1997) afirmam que experienciamos a conversa casual como provavelmente o único contexto no qual falamos de forma relaxada, espontânea e inconsciente. Sentimos que é o único momento em que estamos realmente livres para sermos nós mesmos e não obstante, ao mesmo tempo, dificilmente o somos. Na verdade, estamos muito ocupados refletindo e construindo o nosso mundo social.

Berger e Luckmann (1966 *apud* Eggins e Slade, 1997) salientam que precisamos problematizar o que tomamos como certo do nosso cotidiano. Perguntam, então, como podemos problematizar, ou desnaturalizar, a casualidade da conversa casual para descobrir o que se passa. Eggins e Slade (1997) apresentam duas maneiras de problematizá-la: (I) concentrando-nos nela,

simplesmente. A conversa casual é precisamente um tipo de fala que não esperamos que seja gravada ou transcrita e congelada na forma escrita. Quando nos engajamos na conversa casual, assumimos que nada do que falamos será usado contra nós. Normalmente, consideramos a conversa casual o tipo de fala na qual estamos livres de vigilância e responsabilidade; e (II) analisando-a criticamente, ou, como Fairclough (1995) sugere, “desnaturalizando-a”. A análise crítica significa descrever a fala casual de forma explícita, sistemática e necessariamente técnica. Isto pressupõe analisar como a linguagem é utilizada de maneiras diferentes para compor a conversa casual e como os padrões de interação revelam as relações sociais entre os participantes.

Egins e Slade (1997) argumentam, ainda, que a conversa casual é motivada pelos objetivos interpessoais: as pessoas conversam não somente para “matar o tempo”, mas, sim, para esclarecer e estender os laços interpessoais que as colocam juntas. As autoras exploram a maior fonte de recurso gramatical para analisar o significado interpessoal, que é o sistema de Modo das orações, oferecido pelos construtos teóricos da Lingüística Sistêmico-Funcional de Halliday (1985; 1994) e seus colaboradores.

A Lingüística Sistêmico-Funcional oferece dois benefícios importantes para a análise das interações: (I) um modelo de língua compreensivo e sistemático que possibilita que os padrões conversacionais sejam descritos e quantificados em diferentes níveis e em diferentes graus de detalhe; e uma teoria acerca dos laços entre língua e vida social tal que a conversa possa ser abordada como um modo de fazer a vida social; (II) mais especificamente, a conversa casual pode ser analisada envolvendo padrões lingüísticos diferentes, que constroem dimensões da identidade social e relações interpessoais.

Segundo Halliday (1994), a abordagem sistêmica considera a língua como um recurso de fazer não somente um único significado, mas várias camadas de significado, simultaneamente, as quais podem ser identificadas em unidades lingüísticas de todas as dimensões: na palavra, na frase, na oração, na sentença e no texto. Isso significa que a conversa casual é modelada como uma troca simultânea de três tipos de significado, ou metafunções, que podem ser interpretadas como ideacionais, interpessoais e textuais.

Conforme admitem Eggins e Slade (1997), a conversa casual se realiza mais pelo significado interpessoal, revelado nas escolhas feitas pelos interactantes, em tempo real, do que pelos ideacional ou textual. As autoras levam em conta dois enfoques principais: (I) a negociação da identidade social e relações sociais; e (II) a organização da conversa com final aberto e tomadas de turno da conversa que a diferencia de outras atividades lingüísticas (Sacks e outros, 1974).

A variável de registros, que Halliday (1978) sugere, é “a estrutura de papéis: aglomerado das relações socialmente significativas do participante”, que ocorrem em uma situação. Martin (2000) e Poynton (1985) subclassificaram essa relação de papéis em quatro dimensões principais, a saber: relações de *status*, grau de envolvimento afetivo, freqüência de contato ou nível de familiaridade e orientação de filiação.

Para esses autores, as relações de *status* referem-se à construção do eu social por meio da interação que envolve o reconhecimento do papel social e a atribuição desses papéis pelos interactantes, os quais podem ocorrer de forma variada e distinta, dependendo da legitimidade das fontes experienciais vivenciadas.

As relações interpessoais podem apresentar um nível de envolvimento afetivo que dependerá do grau de afetividade que o indivíduo tem com os outros com quem interage, o que também dependerá da situação e do tempo de contato. Além disso, a filiação a determinados grupos sociais está ligada aos valores e crenças daqueles com os quais o indivíduo interage em diversos contextos sociais.

Assim, a análise das escolhas de Modo na conversa casual pode revelar tensões entre igualdade e diferença, como os participantes atuam e constroem relações de poder por meio da fala.

No que se refere à oração, os padrões maiores que representam papéis e relações são os de Modo, associado com o subsistema de polaridade. O Modo refere-se aos tipos de orações: interrogativas, imperativas, exclamativas e declarativas. Além disso, esses padrões têm a ver com a presença e a configuração de certos elementos negociáveis da estrutura da oração. A análise de Modo apresentada por Eggins e Slade (1997) é uma versão resumida da encontrada em Halliday (1994: 4). O Sujeito e o Finito são os constituintes essenciais da oração; ambos constituem o foco da oração e o Predicador dá o conteúdo ou o significado

interpessoal ao processo com o qual o Sujeito está engajado. O Complemento no diálogo possibilita a expansão do campo da negociação, em geral com desafio, e os Adjuntos (circunstanciais) contribuem para o diálogo quer especificando o quando, o onde, e o porquê da proposição, expressando julgamentos ou opiniões (Adjuntos interpessoais). Os Adjuntos textuais, por meio dos conjuntivos e continuativos, ajudam na continuação e manutenção do diálogo. A Polaridade diz respeito à afirmação ou negação de elementos da oração e está relacionada às palavras sim e não que podem ser utilizadas em seus derivados ou ainda como uma oração menor.

Termino aqui a exposição dos autores cujas propostas embasarão a minha análise. Assim, ela estará, basicamente, apoiada na análise crítica do discurso, tendo Fairclough (1992) e Fowler (1991) suas fontes primordiais. Esses autores, em especial Fairclough, mostram que a análise multidimensional necessita para sua efetivação de uma teoria e metodologia como a oferecidas pela Lingüística Sistêmico-Funcional, de Halliday e seus colaboradores, cuja base se assenta numa caracterização tripla, simultânea, da linguagem. Nessa postura crítica que adoto.

Antes de iniciar a análise, vale esclarecer que vou rastrear, na fala dos interlocutores, e mostrar como o discurso vai sendo constituído, como explica Iñigo-Mora (2007), da perspectiva da Psicologia Discursiva (PD), que analisa o discurso como uma atividade situada, orientada-para-ação e construída. Ele diz que o discurso não é formatado pelos pensamentos de uma pessoa, mas, sim, pelo desenvolvimento de uma argumentação retórica. Desse modo, a PD considera o discurso não só como sendo construído, mas também constitutivo, porque estuda a maneira como o próprio discurso é construído e o modo como o discurso constrói versões de mundo.

Nesse contexto, considerando que o discurso é muito mais um desenvolvimento de uma argumentação retórica, do que a expressão do pensamento de alguém, pode-se entender o estilo conversacional como sendo um instrumento utilizado pelos falantes nesse desenvolvimento, ou, em outras palavras, na persuasão do interlocutor.

No que se refere à persuasão, Poggi (2005 *apud* Iñigo-Mora, 2007) a explica em termos de metas e crenças. Ela vê a persuasão como uma forma de influenciar alguém, ou seja, de gerar novas metas ou ativar as antigas, por meio de um mecanismo de gancho da meta comunicativa e, particularmente, por meio da

convicção: A persuade B quando A, por meio da comunicação, triunfa ao fazer com que B persiga uma meta de A, proposta por A. Assim, A faz com que B acredite que GA é uma sub-meta de uma meta GB de B.

2 DADOS

Os dados foram retirados da entrevista realizada com a deputada Denise Frossard (item 2.3), em 15/08/08, no *Programa do Jô*. Eles foram coletados por meio de gravação em DVD e transcritos conforme as normas do Projeto NURC - Projeto de Estudo da Norma Lingüística Urbana Culta do Brasil (Castilho; Preti, 1987: 2)². O NURC tem por finalidade documentar e descrever a norma objetiva do português culto falado no Brasil.

Quadro 3 - Normas para transcrição dos exemplos – Projeto NURC

Ocorrências	Sinais	Exemplificação
Imcompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Entonação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	::podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh:::... o dinheiro
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Superposição, simultaneidade de vozes	□ ligando as linhas	A. na □ casa da sua irmã sexta-feira?
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ ”	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREira entre nós”...

Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP, etc.);
2. Fáticos: *ah, éh, ahn, ehn, uhn, tá*;
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados;
4. Números: por extenso;

5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa);
6. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: oh:::... (alongamento e pausa);
7. Não se utilizam sinais de pausa, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

² As normas de transcrição são as utilizadas em CASTILHO A. T.; PRETI, D. **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo**. v. II. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987. Maiores informações sobre o Projeto NURC constam no anexo desta dissertação.

2.1 Programa do Jô

Programa do Jô é transmitido diariamente pela Rede Globo de televisão, às 00:20, com uma hora e meia de duração. Segundo Bortoloto³, assistente do diretor do programa, normalmente, Jô Soares, em seu *talk show*, entrevista pessoas – uma por bloco. Entretanto, quando o entrevistado apresenta certo impacto na mídia, costuma ganhar mais de um bloco. A triagem para a escolha dos convidados no programa é feita da seguinte forma: a cada semana há uma reunião de pauta, em que as pessoas da equipe de produção sugerem cerca de quarenta nomes, colhidos por meio de pesquisas feitas junto à imprensa ou por sugestões de amigos, ou, ainda, por intermédio das centenas de pedidos que o *talk show* recebe semanalmente.

A equipe de produção faz, então, uma primeira triagem. Dos quarenta nomes, vinte são descartados, sumariamente. Os demais são submetidos a uma pré-entrevista com duração de uma hora, na qual dois repórteres avaliam o candidato, segundo o possível grau de interesse que poderá despertar no público.

No decorrer da entrevista, Jô Soares baseia-se em uma pauta, que não é seguida rigidamente, pois como o próprio apresentador assegura, em entrevista concedida pela revista *Veja*, no ano de 1992: “depois que você faz a primeira pergunta, nada daquilo vale mais, porque você embarca em um novo caminho. E, às vezes, há uma pergunta importante, que está na pauta, e a gente esquece de fazer.”

José Soares nasceu em 16 de janeiro de 1938, Rio de Janeiro. Ele conquistou o público pela sua inteligência e versatilidade. O fato de ser humorista, ator, artista plástico, escritor e apresentador mostra sua capacidade de se adaptar nas mais diversas áreas artísticas. O ano de 1970 marcou sua entrada na Rede Globo. Em sua primeira passagem pela emissora, ele permaneceu por 17 anos.

A intensa personalidade de Jô Soares queria ainda mais do que tinha conquistado na Globo. E a oportunidade de realizar o desejo de ter um programa do gênero *talk show* veio com a proposta de Sílvio Santos. Com um salário milionário e

³ Tive contato com Marta Bortoloto (mbort@tvglobocom.br) por e-mail, que me enviou algumas informações sobre o programa, como pauta; escolha do entrevistado; dinâmica no estúdio; vida profissional do apresentador.

algumas regalias, o apresentador aceitou a proposta e conquistou seu tão almejado *talk show* aos moldes americanos: *Jô Soares Onze e Meia*.

No final de 1998, a TV Globo entrou em negociação com Jô Soares para tê-lo de volta. Em maio do ano seguinte, ele aceitou voltar para a antiga casa. O novo *Programa do Jô* manteve o mesmo formato “sofá-entrevistado”, só que com a possibilidade de ampliar o leque de entrevistados, uma vez que os atores e celebridades da emissora estariam à sua disposição. O *talk show* *Programa do Jô* estreou em 3 de abril de 2000 e mantém, até hoje, bons índices de audiência.

2.2 Entrevista selecionada para a presente pesquisa

A entrevista selecionada para a presente pesquisa foi realizada no *talk show* do dia 15/08/05, tendo como entrevistada a deputada Denise Frossard. A escolha justifica-se pelo fato de o tema dessa entrevista versar sobre assunto atual - o caso do “mensalão”, envolvendo o governo Lula, que era alvo de discussões – o que me fez supor que o material seria campo prolífico para a verificação da persuasão no discurso, mais exatamente, numa interação face-a-face.

2.3 Sobre a entrevistada

No contexto da entrevista gravada, Denise Frossard⁴ era deputada federal e membro da CPMI dos Correios. Ela tornou-se conhecida no Brasil e no exterior quando condenou à prisão a cúpula do jogo do bicho carioca, em 1993.

Uma das fundadoras da Transparência Brasil, braço da Transparência Internacional, organização sem fins lucrativos que estuda o fenômeno da corrupção, Denise Frossard deixou a magistratura em 1998 para participar mais ativamente da vida do país e ajudar a elaborar as leis.

Eleita deputada federal pelo PSDB carioca em 2002 com mais de 300 mil votos, levou para o Congresso a preocupação com a transparência em todos os níveis. Entre as propostas que elaborou está a Lei de Responsabilidade Social, que obriga os governantes a usarem o dinheiro público em obras que contribuam para a

⁴ Informações sobre a deputada Denise Frossard encontram-se no site: www.cpmidoscorreios.org.br

melhoria da qualidade de vida da população. Atualmente, ela é deputada federal pelo PPS-RJ.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DE ANÁLISE

Segundo a Lingüística Sistêmico-Funcional, língua e contexto estão inter-relacionados: por meio da língua usada no texto podemos recuperar o contexto, e vice-versa, e, além disso, sem um contexto, será mais difícil entender a mensagem contida nessa linguagem.

Assim, entendendo contexto social como sendo o gênero e o registro, segundo os systemicistas, devo esclarecer, antes de iniciar a análise propriamente dita, o seguinte: em *talk show*; o registro é constituído por:

- (a) campo – A corrupção do governo Lula e o caso do mensalão;
- (b) relações – Jô Soares (entrevistador) e Denise Frossard (entrevistada) – deputada pelo partido PSDB, na época da entrevista;
- (c) modo – Oral, face a face, diante de auditório na TV e nos lares.

Procedimentos:

Os turnos que constituem a entrevista – entre Denise Frossard (DF) e Jô Soares (JS) – serão colocados:

- (a) em seqüência;
- (b) com indicação da Teoria de Apoio, em espaço à direita, na análise do turno, como mostra o Quadro 4;
- (c) comentários referentes à teoria aplicada, estão no espaço abaixo do Quadro 4.

Quadro 4 – Exemplo de análise.

	Texto da entrevista	Teoria de Apoio
DF	(1) o presidente fez um pronunciamento:: onde ele diz que foi traído...mas não disse por quem...(2) só os amigos são capazes de trair...portanto eu fiquei imaginando se ele teria sido traído por um amigo...	(1) Vozeamento (2) Ato de fala indireto (ironia) / Transitividade: Processo: mental (imaginar)

Comentário:

DF recorre à voz do presidente Lula (1) para trazer à baila a questão da traição. Utiliza-se de um ato de fala indireto, com implicatura de ironia (2), para sugerir que Lula teria sido traído por petista. Mas essa questão é apresentada de maneira indireta, e por meio de um processo mental (*imaginar*) (2) que projeta uma afirmação

que não pode ser garantida. Nesse sentido, em termos de Lauerbach (2007), a Reivindicação (a declaração de Lula) baseia-se em Dados que não têm Garantia. Ou seja, é um argumento falho, mas que, assim mesmo, cumpre sua meta de trazer para os telespectadores fatos que iniciam a avaliação negativa do governo federal.

4 ANÁLISE

Início a análise dos turnos da entrevista de Jô Soares com a deputada Denise Frossard.

Data da entrevista: 15/08/05 - Horário: 00: 20 - Emissora: Rede Globo		
	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) o presidente fez um pronunciamento:: onde ele diz que foi traído...mas não disse por quem...(2) só os amigos são capazes de trair...portanto eu fiquei imaginando se ele teria sido traído por um amigo...	(1) Vozeamento (2) Ato de fala indireto (ironia)/Transitividade: Processo: mental (imaginar)

Comentário:

DF recorre à voz do presidente Lula (1) para trazer à baila a questão da traição. Utiliza-se de um ato de fala indireto, com implicatura de ironia (2), para sugerir que Lula teria sido traído por petista. Mas essa questão é apresentada de maneira indireta, e por meio de um processo mental (imaginar) (2) que projeta uma afirmação que não pode ser garantida. Nesse sentido, em termos de Lauerbach (2007), a Reivindicação (a declaração de Lula) baseia-se em Dados que não têm Garantia. Ou seja, é um argumento falho, mas que, assim mesmo, cumpre sua meta de trazer para os telespectadores fatos que iniciam a avaliação negativa do governo federal.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) Observação óbvia...porque a pessoa...(2) fui traída por um inimigo...não dá né?	(1) Alinhamento (2) Tom monoglóssico/Ato de fala indireto (ironia)/Token de atitude

Comentário:

JS se alinha com DF (1), mostrando o outro lado da declaração a fim de esclarecer melhor a fala de DF, e qualificando a sua observação como “óbvia”, em tom monoglóssico, por meio de um ato de fala irônico, para reforçar a idéia de traição por membro do PT.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) ou pela própria dona Marisa...	(1) Tentativa de alinhamento/Ato de fala indireto (ironia)/Token de atitude

Comentário:

DF tenta a continuidade do alinhamento de JS (1), agora envolvendo a figura da primeira dama, também petista, ao realizar um ato de fala irônico.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) mas daí estamos falando de de de um outro tipo de traição....	(1) Alinhamento negado

Comentário:

JS não mais se alinha (1) com a deputada, alegando diferença de assunto. Notemos o cuidado de JS, no esforço de fazer falar a deputada, mas não se envolvendo em áreas de risco.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	ele (1) tem que explicar...quer dizer...(2) faltou a explicação...foi traído por quem... em que circunstância... está indignado por que né? então quer dizer... ficou um depoimento muito solto...muito:: sem qualquer...ficou uma coisa vazia...tão vazia quanto:: (3) aquela entrevista dele num jardim...no jardins de um palácio...num país	(1) Modulação de obrigação/Ato de fala de cobrança (2) <i>Token</i> de atitude Ventriloquismo (3) Contrabando de informação

Comentário:

(1) DF utiliza a modulação de obrigação para enfatizar que o presidente foi vago, e também sugerindo, por extensão, discurso vazio, pouco transparente do PT. (2) “Faltar” é um processo da metafunção ideacional, mas que traz, também, uma avaliação de Julgamento da atitude de Lula, pois não só significa ausência, mas o presidente “faltar” com uma explicação, denuncia omissão, falta de compromisso para com o povo. Para reforçar o fato, ela traz uma outra entrevista, feita no passado, um efeito do ventriloquismo. (3) A menção de “jardins”, “palácio”, “país”, ilustra o contrabando de informação, ou seja, das inúmeras e sempre criticadas, viagens do presidente ao exterior.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	agora...aliás esse fim de semana (1) parece que ficaram:: discutindo... se:: deveria ele fazer outro pronunciamento ou não... eu não sei (1) eu acho que não chegaram ainda a nenhuma conclusão	(1) Tom heteroglóstico/ Modalização

Comentário:

(1) JS evita o tom monoglóstico e tenta um meio termo, não se alinhando totalmente com DF, por meio de declarações modalizadas.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) parece-me que não...(2) mas o presidente precisa falar a nação...ele é o supremo magistrado da nação...é:: não há dúvida...qualquer dúvida em relação ao presidente é em favor dele...e não contra ele...eu explico...se nós estamos aqui e há um crime...o promotor chega... e ele na dúvida ele denuncia...e começa o processo criminal...o juiz lá na frente na dúvida...ele absolve...agora o presidente se tem alguma coisa:: que há alguma dúvida...a dúvida o beneficia...não se abre o processo contra o presidente...quer dizer...ele não vai ser investigado em caso de dúvida...então...	(1) Não alinhamento de DF (2) Modulação de obrigação/Tom monoglóssico (3) Contrabando de informação/Informação direcionada/Avaliatividade de Julgamento/ <i>Token</i> de atitude

Comentário:

(1) DF não aceita o tom moderado de JS e revida ao utilizar a modulação de obrigação (2), e continua insistindo na explicação devida pelo presidente, nomeando-o como o “supremo magistrado da nação”. Para mostrar como é importante o esclarecimento presidencial, que deixa no ar uma dúvida em relação ao fato, refere-se à dúvida como fator positivo a Lula e, num contrabando de informação (3) (Luchjenbroers e Aldridge, 2007), compara a questão com uma situação em que se apura um crime. Há aqui vários itens desse contrabando: “denúncia”, “processo criminal”, “absolve”, “processo contra o presidente”, “investigado”, todos termos de julgamento negativo (Martin, 2003), que embora não estejam aplicados a Lula, acabam desencadeando *frames* negativos na mente do telespectador.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) repete isso repete isso por favor...que eu acho tão importante que é uma coisa que não foi ainda dita com tanta clareza...(2) a DÚVIDA beneficia o presidente porque em caso de dúvida não se abre	(1) Alinhamento (2) Vozeamento (3) Avaliatividade de julgamento negativo/ <i>Token</i> de atitude (4) <i>Frame</i>

Comentário:

(1) JS se alinha a DF ao repetir sua fala (2) e enfatiza um ponto: a “DÚVIDA”, que auxilia o presidente. JS (3) avalia como sendo “importante” discorrer sobre o assunto, ao mesmo tempo que profere uma Avaliatividade de julgamento negativo em relação ao governo: “que é uma coisa que não foi ainda dita com tanta clareza...”. Pode ser considerado julgamento negativo, pois aquilo que não é dito com clareza, nesse contexto, pode gerar (4) *frames* negativos na mente do leitor. Esse fato possibilita a audiência completar inconscientemente a premissa que falta.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) Não	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS e confirma.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) nenhum processo contra um presidente da república?	(1) Pergunta retórica

Comentário:

(1) JS lembra a invulnerabilidade em relação ao presidente e utiliza uma pergunta retórica, pois repete parte do que DF mencionou a fim de obter uma resposta já premeditada (Sbisà, 2001: 1793).

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) não não a instituição do presidente é algo	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) DF se alinha a JS, reafirmando a resposta subjacente na pergunta retórica.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) é preservada	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) JS se alinha ao repetir e completar a fala de DF.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) é preservada	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) JS se alinha ao repetir e completar a fala de DF.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) é muito preservada	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) DF se alinha a JF ao repetir e aceitar sua fala.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) ótimo isso	(1) Ato de fala (ironia)

Comentário:

(1) JS alinha-se a entrevista com ato de fala irônico, tendo obtido a resposta à pergunta retórica proferida.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) e e nós temos também...por exemplo a crise né Jô? nós temos um congresso...que como instituição... (2) tem todo o direito de investigar o presidente...o dever... MAS que inicialmente ele tem que se irritar... (3) não não pode um congresso com tantas acusações...né? com tantos:: com tantos deputados envolvidos:: no alcance de dinheiro... vendas de votos de mandatos...enfim...(1) não pode esse congresso...primeiro ele tem que se auto-limpar	(1) Alinhamento (2) Modulação de obrigação/Tom monoglóssico (3) Avaliatividade de julgamento/ <i>Token</i> de atitude/Contrabando de informação/Informação direcionada/ <i>Frame</i>

Comentário:

(1) DF se alinha a JS e recorre à modulação de obrigação para enfatizar a obrigação que o congresso tem de se manifestar, uma vez que há “tantos deputados envolvidos”. (2) DF julga negativamente os acontecimentos, (3) contrabandeando informação “tantos deputados envolvidos:: no alcance de dinheiro...vendas de votos de mandatos”, que produz *frames* negativos na audiência, para, por fim, recorrer ao tom monoglóssico “não pode esse congresso... primeiro ele tem que se auto-limpar.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	deputada...(1) eu tinha uma pergunta aqui a respeito do:: fornecimento...de documentos pelos bancos do Brasil e banco RURAL...ah:: (2) alguns dizem que os dados não são não são completos:: e demoram muito para chegar...e:: eu gostaria de ler...porque eu comentei isso aqui com no na quarta-feira no debate que eu falo...que eu chamo de as meninas do Jô...comigo nas quartas-feiras...	(1) Modalização (2) Vozeamento/Alinhamento

Comentário:

(2) JS recorre à voz de outras pessoas não determinadas “alguns” para discorrer sobre a incompletude dos dados. (1) Ele modaliza sua fala com elementos como “tinha” (caso em que poderia reportar-se ao presente “tenho”; “gostaria de ler” (ao invés de dizer “eu vou ler”); “isso” (que não demarca de forma clara a que se refere). Assim, JS ameniza o conflito que uma interação assimétrica proporciona e (2) alinha-se a entrevistada.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) excelente debate	(1) Alinhamento/ Avaliatividade de julgamento

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS ao avaliar como positivo o debate proporcionado.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) muito obrigado...a que Sena Lobo falou que o Banco do Brasil estava atrasando a remessa de documentos...e a Lúcia Hipólito...falou:: que tinham sido nomeados vários militantes do PT...eu recebi uma CARTA...do da presidência do Banco do Brasil...ah:: o senhor Rossano Manuel Pinto presidente...dizendo o seguinte...caro Jô Soares assisti ontem ao debate do seu programa...com a jornalista Luciana Lobo e a cientista política...Lúcia Hipólito...gostaria de esclarecer...a sua grande audiência...entre os quais certamente se encontram muitos acionistas do Banco do Brasil...alguns pontos naquele debate que não são corretos em relação ao Banco do Brasil...o BB tem prestado às CPIs com maior presteza todas as informações solicitadas...ah:: a quase totalidade dos documentos analisados:: das informações publicadas na imprensa referem-se a documentos enviados pelo Banco do Brasil...por mais exaustivos que seja pela quantidade nenhuma informação solicitada foi omitida::... ah:: aí fala...se refere também...ah outro comentário que eu gostaria de refutar...as diretorias de superintendência do Banco do Brasil...são todas preenchidas por funcionários de carreira concursados...as notícias que envolvem a área do Banco ou do Banco popular são localizadas...sobre a questão...independente das auditorias que estão em andamento...tomamos várias ações preventivas...com exoneração de funcionários que tenham qualquer sinal de desvio de conduta...enfim... estou lendo aqui rapidamente a carta eu agradeço o ao presidente por mandar a carta...ah:: (2) existe realmente uma dife DEVE realmente existir uma diferença de comportamento entre o:: Banco Rural e o Banco do Brasil no fornecimento desses documentos?	(1) Alinhamento/ Vozeamento/ Ventriloquismo/ <i>Token</i> de atitude (2) Ato de fala de coação

Comentário:

(1) JS, ao ler a carta, atua como ventríloquo ao utilizar-se da voz do presidente do Banco do Brasil e distanciar-se das informações contidas nela, marcando nitidamente o começo e o fim das palavras do outro “caro Jô Soares.../enfim estou lendo aqui.” Portanto, JS demarca a fala reportada de forma clara (Voloshinov apud Kitis e Miliapides, 1996) e representa o papel de animador (Goffman, 1981), reduzindo sua responsabilidade sobre as falas pronunciadas e assegura sua opinião desfavorável em relação ao banco. (2) Por fim, JS, ao finalizar o turno, realiza um ato de fala implícito, a saber: “você concorda com isso?”. Ele realiza esse ato a fim de persuadir a entrevistada a dar sua opinião sobre o caso. Assim, o que parece ser uma simples narrativa da fala dos outros, torna-se meio para argumentar e persuadir (Fowler, 1991), transformando a narrativa de fatos ocorridos em uma cripto-argumentação (Kitis e Milapides, 1996).

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) ah sim (2) sem dúvida alguma...o Banco do Brasil é uma instituição respeitável deixa eu explicar aí porque porque essa parte eu conheço bem...(3) quando:: os requerimentos são feitos Jô...é preciso saber exatamente o que se requer...porque senão vem uma montanha de documentos...e aí a dificuldade que eles devem estar tendo...porque eu vi alguns requerimentos...são seiscentos requerimentos...até quando eu saí de lá...agora eu não sei se tem mais...seiscentos e alguns...é...de modo que vão pedindo muitas coisas...e nós temos um exemplo claro de que isso não funciona na CPI do orçamento...quando se encheu uma sala inteira de documentos que sequer foram lidos...né? então nessa parte aí pode estar havendo algum problema desse...no requerer os documentos você tem que ir diretamente no que você quer...portanto você tem que saber...então eles...eu já vi documentos...é pedidos assim...vamos pedir...ah vamos pedir todos os anos das informações...aí vem um caminhão...	(1) Alinhamento (2) Tom monoglóssico/ Contrabando de informação/ Informação direcionada/Token de atitude

Comentário:

(1) DF se alinha a JS, colocando-se de forma monoglóssica (2) “sem dúvida alguma/deixa eu explicar aí porque porque essa parte eu conheço bem.” (3) Para reforçar sua afirmação, DF menciona determinados elementos como “montanha de requerimentos/seiscentos requerimentos.../quando se encheu uma sala inteira de documentos que sequer foram lidos”, que contrabandeiam a informação e provocam uma imagem negativa em relação ao congresso.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	e quanto ao negócio das das nomeações (1) eu tenho a impressão também que:: (2) ele justifica bem...o que acontece é que (3) evidentemente ninguém impede...que de um ou outro diretor ou gerente...ou seja lá o que for...ser simpatizante desse ou daquele partido...	(1) Modalização (2) Avaliatividade de julgamento (3) Tom monoglóssico

Comentário:

(1) JS inicia sua fala de maneira modalizada “eu tenho a impressão” e (2) avalia a justificativa do presidente do banco de forma positiva. Contudo, ao reportar-se aos gerentes e diretores, JS é monoglóssico (3) (White, 2003) “evidentemente ninguém impede.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) é parece-me que o Banco do Brasil não há:: envolvimento nisso...o que há é nos correios... o monopólio dos correios de onde surgiu tudo isso aliás	(1) Alinhamento/Modalização

Comentário:

(1) DF se alinha a JS, contudo, modaliza sua fala “parece-me.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) ah	(1) Marcador conversacional

Comentário:

(1) JS tenta “assaltar” o turno.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) quer dizer...o que que aconteceu nos correios...os correios é um monopólio...é um monopólio estatal...se você pensar quantas cartas você recebe na sua casa...multiplica isso por...cento e e e vinte milhões né? porque cinquenta milhões estão fora...cento e vinte milhões de brasileiros você vai ver o que é o valor disso tudo...entretanto o correio é uma empresa deficitária...por quê? porque o correio foi vampirizada...entre três partidos...PMDB que tem a presidência...diretoria comercial que cuida das franquias:: é:: tem a a parte do PTB...que cuida lá de umas:: outras...enfim e tem o PT...que cuida da questão da da nova data que é o envolvimento com software...hardware...enfim ...computadores...então você veja...nitidamente aquilo ali...por exemplo...contas maravilhosas...vamos dizer cinquenta e seis milhões de contas do Bradesco...isso é patrimônio nosso deveria ser o atacado deveria ser o correio...entretanto isso vai bater nas franquias...passa como franquiado aquilo sei lá de Alphavile ou de onde quer que seja...as franquias elas poderiam existir mas como lojas de rua...do varejo do mercado varejista sem envolver...entretanto eles esperam um filé mignon...e daí o correio é deficitário... o correio é uma caixa preta...então eu estou voltada muito para o foco inicial...eu não perdi meu foco	(1) Avaliatividade de julgamento/Contrabando de informação/Informação direcionada/Tom monoglós-sico/Frame/Token de atitude

Comentário:

(1) DF julga negativamente os correios, de forma monoglósica, e recorre a elementos como “empresa deficitária/correio foi vampirizada/contas maravilhosas/” de modo a contrabandear informação e gerar *frame* negativo.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) caixa preta você está se referindo a caixa preta dos:: aviões...quer dizer o que está gravado ali ou caixa preta escondida?	(1) Ato de confirmação

Comentário:

(1) JS pronuncia um ato de confirmação a fim de fazer com que DF produza maiores informações.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) não aquilo ali é um esquema né Jô? é um esquema de é é cargos públicos que são fatiados entre partidos... esses cargos eram geralmente desenhados pelo Silvio Perilo né? e esses cargos devem produzir dinheiros...isso ficava a cargo do Delúbio...agora...(2) evidentemente isso foi orquestrado isso foi ordenado por alguém...(3) é o Roberto Jefferson diz que foi Zé Dirceu...(4) parece que a Simone também chamou o Zé Dirceu a Renilda também... então há indícios que seria o Zé Dirceu que desenhou tudo isso...	(1) Não alinhamento (2) Tom monoglóssico (3) Vozeamento (4) Modalização

Comentário:

(1) DF não se alinha a JS e utiliza (2) tom monoglóssico “evidentemente” como forma de enfatizar o mentor do “esquema” citado. Além disso, DF recorre (3) à vozes de outras pessoas para acusar Dirceu, contudo, (4) simula modalização de sua fala “parece.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) mas espera aí...sem querer te interromper e já interrompendo...(2) as declarações do Waldemar de Costa Neto na revista Época de que o presidente Lula sabia e de que ele e o Zé Dirceu e Delúbio faziam parte...da mesma família...tem ah semana passada o Diogo Mainardi também se refere a uma coluna aliás...engraçada...se bem que ele fala na nessa semana na Veja evidente que ele não tem...não sente o menor problema:: ético de romper um off quando ele está falando...com uma pessoa que não merece esse off... e se refere as gerações do (Janeni falando em termos de dinheiro que foi retirado...etcetera e tal...como é que você vê essas duas declarações...a declaração do outro retirando lá seiscentos mil e:: de que o presidente Lula SABIA e de que o Zé Dirceu fazia parte junto com o Delúbio...e junto com ele que era tudo uma família só?	(1) Não alinhamento (2)Vozeamento/Ventriloquismo /Avaliatividade de julga-mento

Comentário:

(1) JS inicia o turno de forma agressiva e oposta às falas da entrevistada, pelo uso do adjunto adversativo “mas” (Sbisà, 2001). No entanto, JS mitiga o referido tom agressivo, por meio da expressão “...sem querer te interromper e já interrompendo.” Além disso, ele cita (2) as falas de jornalistas que escrevem em duas revistas de credibilidade, a saber: “Época” e “Veja”, o que colabora para influenciar a opinião da audiência sobre a culpa do presidente, pelo fato das pessoas respeitarem e darem credibilidade às falas contidas em revistas conceituadas (Kitis e Miliapides, 1996). Desse modo, ao escolher o vozeamento, o apresentador torna-se ventríloquo das palavras dos jornalistas e expressa sua avaliação, de maneira subentendida, sobre o presidente alinhando-se as idéias contidas nas falas comentadas (Wortham, 1996).

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	bom vamos por partes...acho que a essa altura (1) ninguém duvida que o presidente sabia...(2) o presidente é um homem inteligentíssimo...não estudou porque não quis...ele:: teve tempo para isso...(3) criou um sindicato...presidiu esse sindicato...criou o maior partido que nós temos hoje... presidiu esse partido...eu me prepararia um mês para ir conversar com ele...é um homem que sabe o que está fazendo...(1) não é comandado...não é...não o conheço pessoalmente...eu não sei de:: esparsos encontros...mas (2) é um homem inteligentíssimo que chegou aonde chegou	(1) Tom monoglóssico (2) Avaliatividade de julgamento (3) Contrabando de informação/Token de atitude

Comentário:

(1) DF, em tom monoglóssico, julga o presidente como um homem inteligente e que, portanto, não é um inocente que as pessoas manipulam “não é comandado”. Como reforço a esse fato, DF recorre ao contrabando de informação (2) para persuadir os telespectadores de sua afirmação “homem inteligentíssimo...não estudou porque não quis...criou um sindicato...presidiu esse sindicato...criou o maior partido que nós temos hoje...presidiu esse partido...eu me prepararia um mês para ir conversar com ele.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) sem dúvida alguma	(1) Alinhamento/Tom monoglóssico

Comentário:

(1) JS se alinha a entrevistada recorrendo a tom monoglóssico.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) agora...isto é um ponto...a nação não entende que ele sabia...agora:: ele comandava? essa é a grande pergunta...está é é quanto a isto (2) nós não temos nenhuma...nenhuma::...nenhum indício...nenhuma prova...	(1) Pergunta retórica (2) Tom monoglóssico

Comentário:

(1) DF inicia seu turno com uma pergunta retórica “ele comandava?”, uma vez que em seu turno anterior, a pergunta já foi respondida. Contudo, em (2) tom monoglóssico DF alega que não existem provas contra o presidente “não temos nenhuma...nenhuma::... nenhum indício...nenhuma prova.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) sei...eu também acho muito:: muito difícil	(1) Alinhamento/Julgamento de avaliatividade

Comentário:

(1) JS alinha-se com DF e julga como difícil a descoberta de provas contra o presidente.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) a Renilda dá a entender que:: quem comandava...o Valério também...o próprio::...Jefferson...dá a entender que quem comandava isso era o Zé Dirceu...(2) eu espero que seja...eu espero que fique provado que era o Zé Dirceu...	(1)Vozeamento/Ventiloquismo (2) <i>Token</i> de atitude

Comentário:

(1) DF recorre à outras vozes para acusar Dirceu como mentor, contudo, julga como incertos os comentários das pessoas citadas “Renilda/Valério/Jefferson”, ao esperar que seja provado que era o Dirceu (2).

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) e pizza...que você falou outro dia lá em pizza...que história é essa deputada?	(1)Vozeamento/ Ventiloquismo

Comentário:

(1) JS recorre à voz de DF para trazer à tona uma discussão polêmica.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) pois é...vamos falar sobre isso...quando eu cheguei na comissão...aquela casa é uma casa emocional né Jô? é uma casa...de pura emoção né? (2) e eu não estou acostumada com emoção...	(1) Avaliatividade de julga-mento (2) Ato de fala de ironia

Comentário:

(2) DF recorre ao ato de fala de ironia para fazer uma (1) avaliação negativa do governo.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) hum agora você está se acostumando	(1) Ato de fala de ironia/ <i>Token</i> de atitude

Comentário:

(1) JS utiliza-se da ironia para avaliar como negativo os últimos acontecimentos em relação ao governo, o toque de humor que a ironia inspira é uma forma de facilitar uma intenção interpessoal negativa, camuflando um ataque insultuoso ao governo com uma brincadeira (Holmes, 2000).

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) Não agora ...	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS e tenta fazer um comentário, porém, DF faz uma pausa e JS “assalta o turno”.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) eu já vi umas declarações suas lá...ÓTIMAS por sinal...e bem emocionadas:: quando você começou a falar na (2) máquina que estava sendo montada...começava por tentar abafar...amordaçar a imPRENSA::...e está ali o Marcelo (Goés) fazendo sim com a cabeça:: quer dizer você:: você já está começando a sentir toda essa carga de emoção...mas é desculpa...com relação...a pizzaria...	(1) Alinhamento Avaliatividade de julgamento/Vozeamento (2) Contrabando de informação/Informação direcionada/ <i>Token</i> de atitude/ <i>Frame</i>

Comentário:

(1) JS traz uma Avaliatividade de julgamento positiva em relação às declarações de DF, alinhando-se a ela, mas que intensificam aquilo que é indesejável: as tentativas de alguns membros do governo para abafar os acontecimentos errôneos, com o intuito de camuflar a corrupção. Para reforçar a referida avaliação, DF reporta as falas da entrevistada, adotando a estratégia chamada *texture analysing* (Voloshinov, 1995), uma vez que ao narrar as falas de DF ele as permeia com sua opinião. (2) Além disso, as falas escolhidas “máquina que estava sendo montada/começa por tentar abafar...amordaçar a imPRENSA::...” servem como contrabando de informação, a fim de produzir *frame* negativo nos telespectadores e direcionar a informação.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) é eu cheguei e:: naquele momento...nós tínhamos:: já naquela altura uns quinhentos requerimentos para votar e não votar...porque naquele momento surgiram denúncias contra:: integrantes do PSDB...um do PFL...enfim...quando se dizia vamos ouvir o Zé Dirceu...não tem que ouvir o Azevedo...não tem que ouvir o (Brut)...não tem que ouvir aí...impactava...emparedava...e esse emparedamento e aqui está...no livro do assessor legislativo Mauro Márcio de Oliveira que é um livro fantástico...onde ele trata exatamente disso...o emparedamento...o engolfamento nas nas nos papéis etcetera e tal...então isso Jô leva a uma situação que só pode terminar por acordo...porque o tempo vai cortando...o tempo vai caminhando...o tempo corta contra...os investigadores...a favor dos investigados... aí chega no final...o tempo acabou...e aí olha um para a cara do outro e diz espera aí e aí? aí...vamos dar...eu dou cinco você dá cinco e dá cinco e terminou... isso é a pizza	(1) Alinhamento/Contrabando de informação/Informação direcionada/Vozes/Avaliati-vidade de julgamento/Token de atitude

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS ao concordar com ele e fornecer maiores informações requeridas por JS no turno anterior. DF recorre a elementos como “naquela altura uns quinhentos requerimentos para votar e não votar...denúncias” a fim de contrabandear informação e gerar *frames* negativos no telespectador. Para reforçar esse fato. DF utiliza-se de outras vozes “quando se dizia”, a fim de mostrar a confusão e o pouco tempo que se tem para se apurar uma acusação “chega ao final...o tempo acabou...”, avaliando negativamente essa postura “isso é pizza.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) ah o negócio lá da cabra como peliscópio o bode espiatório espiatório será?	(1) Ato de fala (ironia)/ Alinhamento

Comentário:

(1) JS utiliza-se do ato de ironia, iniciado na abertura do programa e recuperado na entrevista, a fim de criar humor e se alinhar a entrevistada.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) é...então veja é porque é assim...né? foi assim...então você nós temos que ver...quem comprou o Brasil...é muito dinheiro...então de onde veio essa dinheirama? é muita coisa para investigar...então o emparedamento eu disse está fedendo a pizza... pizza não porque tem uma mão que está aqui...é uma mão maquiavélica não...não é nesse sentido não... eu me lembro que até o presidente Delcídio dizia...não isto é impossível...não é possível... ele não quer.. mas é possível... é possível pelo emparedamento... pelo engolfamento nos papéis... pela falta de tempo...	(1) Alinhamento/Token de atitude / Vozeamento / Tom monoglóssico

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS e critica o governo, dizendo que o Brasil foi comprado, enfatizando a dificuldade de saber de onde veio o dinheiro e recorre à voz de Delcídio, mas para ir contra o que este alega, adotando tom monoglóssico.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) mas como como a falta de tempo...há um ah:: tempo pré-estabelecido?	(1) Não alinhamento

Comentário:

(1) JS não se alinha a DF e procura obter maiores informações ao repetir sua fala “mas como como a falta de tempo.”

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) claro são seis meses...termina em novembro	(1) Tom monoglóssico

Comentário:

(1) DF utiliza-se de tom monoglóssico para enfatizar sua idéia.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) mas pode ser::	(1) Não alinhamento

Comentário:

(1) JS não se alinha a DF e a questiona.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) prorrogadas por mais três...	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) Df alinha-se a JS e responde o questionamento.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) e mais três depois se for o caso...	(1) Alinhamento

Comentário:

JS alinha-se a DF e tenta completar seu turno.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) não não pode não a lei não...a lei não prevê isso não... porque senão fica:: interminável...é preciso ter um tempo	(1) Não alinhamento

Comentário:

(1) DF não se alinha a JS e justifica-se pela lei.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) mas uma coisa desse tamanho:: você vê...inclusive a gente...não dá mais para para para:: se:: qualificar as quantias de dinheiro porque a impressão que se tem...é que estamos revivendo...as quantias ah:: dos tempos de inflação alta...que só () quinze milhões não foi pouco foi dez milhões só...não foi só nove::... não aí parece que foi ah:: cento e vinte milhões...a tal ponto que quando... surge o tal roubo no banco de cento e sessenta e cinco milhões tem gente que já me diz...ah não é lá essas coisas...	(1) Convicção/ Avaliatividade de julgamento / Token de atitude

Comentário:

(1) Como reforço para esse fato indesejável, JS recorre à afirmações pressupostas, ou seja, ele utiliza-se de algumas informações como se elas fossem estabelecidas ou dadas, como se fossem fatos socialmente aceitos, o que pode induzir o interlocutor a acreditar, uma vez que as pressuposições facilitam a manipulação e são difíceis para o outro desafiar (Fairclough, 1992) “estamos revivendo... as quantias ah:: dos tempos de inflação alta...que só () quinze milhões não foi pouco foi dez milhões só...não foi só nove::...não aí parece que foi ah:: cento e vinte milhões...”. Por essa razão, JS utiliza uma série de passos argumentativos, para que o interlocutor aceite seu posicionamento, “juizado de pequenas causas.” Nesse caso, pode-se dizer que a persuasão é processada por meio da convicção (Kitis e Milapides, 1996).

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) juizado de pequenas causas	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS completando o turno.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) ((risos)) é é é porque você dizer...	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) JS alinha-se a DF.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) é verdade	(1) Alinhamento

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) um milhão por milhão né? tem eu acho que tem que tem é:: office boy que chega para o patrão e diz assim olha eu quero um aumento...quanto você quer dar? três milhões está bom	(1) Ato de fala (ironia) / Avaliatividade de julga-mento

Comentário:

(1) JS recorre à ironia e humor para avaliar o comportamento do governo negativamente.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) porque você perdeu a noção::	(1) Alinhamento/Token de atitude

Comentário:

(1) DF alinha-se a JS ao repetir uma parte da fala do outro.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) perde a noção...você vê como é que esse país é rico como tem diNHEIro::	(1) Alinhamento/Avaliatividade de julgamento

Comentário:

(1) JS alinha-se a DF ao mesmo tempo em que profere uma Avaliatividade de julgamento.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) não sei se é o país...não sei se é o país...porque como a parte	(1) Não alinhamento

Comentário:

(1) DF recusa alinhamento com JS.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) mas o dinheiro todo é do país ou feito no país não é?	(1) Não alinhamento/Pergunta QU

Comentário:

(1) JS não se alinha a DF e a questiona com uma pergunta QU a fim de desafiar DF sobre seu enunciado anterior.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
DF	(1) não sei não sei	(1) Não alinhamento

Comentário:

DF não se alinha a JS.

	Texto da entrevista	Teoria de apoio
JS	(1) como assim? tan:::	(1) Ato de pergunta

Comentário:

JS tenta fazer DF falar mais sobre o caso com um ato de pergunta.

5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Embora a análise tenha se baseado em uma parte da entrevista unicamente (início do primeiro bloco da entrevista), parece que os elementos implícitos como “contrabando de informação; informação direcionada; ato de fala indireto; *token* de atitude; ventriloquismo”, são os mais recorrentes na interação analisada.

Contudo, o apresentador para efetivar a persuasão, que esses elementos propiciam, produz enunciado heteroglóssico, que simula a possibilidade do outro se opor, alinhando-se e induzindo a entrevistada a falar e se posicionar perante o tópico abordado: a corrupção do governo Lula. A entrevistada, por sua vez, em sua maior parte, produz enunciados monoglóssicos. Dessa maneira, o apresentador recorre a um discurso aparentemente “amigável” e facilitador para que a entrevistada exponha sua opinião.

Esse tom geral ameno que percorre a interlocução, sem cair em confrontos pouco confortáveis, deve-se, provavelmente, ao fato de o *talk show* ser um evento comunicativo com propósitos socioculturais definidos e convencionalizados, ou seja, é um gênero em que se pressupõe a consciência dos participantes das convenções e restrições socioculturalmente estabelecidas, em que o entrevistador tem o papel de descontrair o entrevistado e pode abordar um assunto polêmico, sem, contudo, intimidá-lo. Conforme Cipra (1998), o entrevistador tem que saber como deixar o entrevistado à vontade, para ganhar a confiança dele e obter as informações desejadas.

Além disso, como afirmam Eggins e Slade (1997), a maior parte da interação na conversa é feita de maneira implícita, uma vez que ela, no *talk show*, por exemplo, é motivada pelos objetivos interpessoais: as pessoas quando conversam têm um propósito. A maioria das conversas não define com muitas palavras a natureza do mundo. Antes, assume uma posição contra um *background* de um mundo que é, silenciosamente, tomado como certo.

No caso da interação analisada, o apresentador tem a intenção e desempenha o papel de obrigar a entrevistada a ser monoglóssica, pois a entrevista em *talk show* é uma exposição pública em que platéia e telespectadores também fazem parte do evento comunicativo, e o posicionamento categórico da entrevistada

pode surpreender o telespectador e gerar audiência, já que ela não produz respostas evasivas.

Assim, com o seu senso de humor, com os recursos implícitos utilizados em sua meta persuasiva, o apresentador mantém o coleguismo, sem utilizar atos de fala que não cooperem para que a entrevistada responda as perguntas proferidas, como ordens, críticas ou insultos. Portanto, os recursos utilizados são caminhos diferenciados de expressar e construir solidariedade, reduzindo ofensas potenciais, codificando diretivos ou críticas em forma mais aceitável para uma interação assimétrica.

Além do mais, os participantes ao reportarem-se a fala dos outros, implicitamente, expõem sua opinião, em que não somente narram fatos, mas, também, transformam a narrativa em uma cripto-argumentação, na qual suas afirmações não aparecem marcadas pela estrutura narrativa, mas, sim, seus argumentos estão subjacentes a ela (Kitis e Milapides, 1996). Desse modo, o que parece ser uma simples narrativa da fala dos outros, torna-se meio para a argumentação (Fowler, 1991).

O apresentador, por exemplo, cita as falas de jornalistas que escrevem em duas revistas de credibilidade, a saber “Época” e “Veja”, simulando ser um mero ventríloquo, o que colabora para influenciar a opinião da entrevistada, pelo fato das pessoas respeitarem e darem credibilidade as falas contidas em revistas conceituadas (Kitis e Milapides, 1996). Já a entrevistada, utiliza-se da fala de políticos, de eventos no congresso ou ambientes parlamentares. Assim, apresentador e entrevistada, por meio de uma cripto-argumentação, denigrem a imagem do governo Lula.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o trabalho apresente uma conclusão baseada em dados coletados em um único tipo de evento comunicativo: uma entrevista de *talk show* – ele permite-me fazer algumas considerações.

A primeira é que a presente pesquisa é importante para a compreensão dos mecanismos que permeiam a interação face a face. Em todos os âmbitos sociais, os falantes necessitam conhecer estratégias comunicativas para melhor atingirem sua meta comunicacional e amenizarem possíveis desacordos que qualquer tipo de interação proporciona.

Além de que, este trabalho mostra que os participantes devem ter cautela nas escolhas lingüísticas feitas, pois elas revelam muito mais do que suas intenções, uma vez que deixam à mostra o “eu”, a identidade e os valores ideológicos dos participantes da interação.

A segunda é que, na área de Lingüística Aplicada, este trabalho poderia ter atuação em consultorias estruturadas para atender problemas comunicacionais específicos da interação face a face, visando a tornar consciente o papel que a linguagem exerce na sociedade.

A terceira diz respeito a possível continuidade que a pesquisa proporciona, como comparar a fala de políticos, pertencentes a partidos opostos. Até mesmo, um estudo da estrutura genérica do *talk show* poderia ser feita, uma vez que no Brasil existem poucas abordagens sobre esse assunto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS*

- BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1935 [1981].
- BLUMSLER, J. G. e GUREVITCH, M. **The crisis of public communication**. London: Routledge, 1995.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CHARTERIS-BLACK, Jonathan. **Corpus approaches to critical metaphor analysis**. UK: Palgrave Macmillan, 2004.
- CIPRA, Marcos. **Entrevista e ética - uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1998.
- CLAYMAN, S. Displaying neutrality in television news interviews. **Social problem**. v. 35. 1988, p. 474-492.
- COFFIN, Caroline; O'HALLORAN, Kkieran. The role of appraisal and corpora in detecting covert evaluation. **Functions of language** 13.1. 2006, p. 77-110.
- DREW, P; HERITAGE, J. **Analyzing talk at work**. Cambridge: CUP, 1992.
- EGGINS, Suzanne. **An introduction to systemic functional linguistics**. London: Pinter, 1994.
- EGGINS, Suzanne; SLADE, Diane. **Analysing casual conversation**. Londres: Cassel, 1997.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and power**. London e New York: Longman, 1989.
- _____. **Discurso e mudança social**. Editora UNB, [1992] 2001.
- _____. **Critical discourse analysis**. London: Longman, 1995.
- FILLMORE, C J. **Towards a descriptive framework for spatial deixis**. New York: Wiley, 1982.
- FOWLER, R. Notes on critical linguistics. In: R. Steele e T. Treadgold Eds. **Language topics: essays in honour of Michael Halliday**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987.
- _____. **Language in the news**. New York: Routledge, 1991.
- GIANNINI, S. A vitória da graça e inteligência. **Veja**. São Paulo: Abril, agosto, 1992.

* Normas segundo a ABNT (2008).

- GOFFMAN, E. **Forms of talk**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974 [1981].
- GRICE, H. P. Logic and conversation. In: P. Cole; J. L. Morgan (Eds). **Syntax and semantics 3: speech acts**. NY: Academic Press. 1975, p. 41-58.
- HAARMAN, Louann. Performing talk. In: Andrew Tolson. Ed. **Television talk shows: discourse, performance, spectacle**. 2001, p. 31-64.
- HALLIDAY, M.A.K. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.
_____. **An introduction to functional grammar**. 2 ed. London: Arnold, [1985] 1994.
- HOLMES, Janet. Politeness, power and provocation: how humor functions in the workplace. **Discourse studies**. v.2, 2000, p. 159-185.
- HOLTGRAVES, Thomas. Interpersonal foundations of conversation indirectness. In: Susan Fussell, Roger J. Freuz. Eds. **Social and cognitive approaches to interpersonal communication**. NJ: Lawrence Erlbaum, 1998.
- HOLTGRAVES, Thomas; YANG, Joong-namm. The interpersonal underpinning of request strategies: general principles and differences due to culture and gender. **Journal of personality and social psychology**. n. 62. 1992, p. 246-256.
- IÑIGO-MORA, Isabel. Extreme case formulations in Spanish pre-electoral debates and English panel interviews. **Discourse studies** 9.3. 2007, p. 341-364.
- KITIS, Eliza; MILAPIDES, Michelis. Read it and believe it: how metaphor constructs ideology in news discourse. **A case study journal of pragmatics** 28. 1996, p. 557-590.
- LAUERBACH, G. Discourse representation in political interviews: the construction of identities and relations through voicing and ventriloquizing. **Journal of pragmatics**. v. 38. n. 2. 2006, p. 196-215.
_____. Argumentation in political talk show interviews. **Journal of pragmatics**. v. 39, 2007.
- LEMKE, Jay L. Resources for attitudinal meaning: evaluative orientations in texts semantics. **Functions of language**. v.1. n. 5, 1998, p. 35-56.
- LUCHJENBROERS, June; ALDRIDGE, Michelle. Conceptual manipulation by metaphors and frames: dealing with rape victims in legal discourse. **Text and talk** 27-3. 2007, p. 339-359.
- LUCHJENBROERS, June. Argumentation in political talk show interviews. **Journal of pragmatics**, 2007.
- MARCUSCHI, L.A. **Análise da conversação**. SP: Editora Ática, 2003.

MARTIN, J R. Analyzing genre: functional parameters. In: F. Christie; J. R. Martin (Eds.). **Genre and institutions: social processes in the workplace and school**. London: Cassell. 1997, p. 3-49.

_____. **English text – systems and structure**. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1992.

_____. Beyond exchange: APPRAISAL systems in English. In: S. Huston; G. Thompson (Eds.). **Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse**. Oxford: University Press. 2000, p. 142-175.

_____. Introduction. **Text**. v.2, n. 23, 2003, p. 171-181.

POYNTON, G. **Language and gender: making the difference**. Deakin University Press, Geelong, 1985.

PRETI, Dino. O impasse entre o falado e o escrito. In: Aduino Novaes. Ed. **Rede imaginária: televisão e democracia**. São Paulo: Companhia das Letras. 1991, p. 232-239.

ROSE, Brian G. The talk show. In: Brian G. Rose. Ed. **TV Genres - A Handbook and Reference Guide**. 1985, p. 329- 352.

SACKS e outros. A symplest systematics for the organization of turn taking for conversation. **Language 50.4**. 1974, p. 696-735.

SBISÀ, Marina. Illocutionary force and degrees of strength in language use. **Journal of pragmatics**. n.33, 2001, p. 1791-1814.

SOARES, José Eugênio. 2002. Desktop do Jô. Disponível em: www.jo.com.br. Acesso em: 15/12/2007.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

STUBBS, M. **Text and corpus analysis - computer-assisted studies of language and culture**. Oxford: Blackwell, 1996.

_____. **Words and phrases: corpus studies of lexical semantics**. Oxford: Blackwell, 2001.

THOMPSON, Geoff; THETELA, Puleng. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. **Text 15.1**. 1995, p. 103-127.

THOMPSON, Geoff. **Introducing functional grammar**. Londres: Arnold, 1996.

TOLSON, Andrew. Talking about talk: the academic debates. In: Andrew Tolson Ed. **Television talk shows: discourse, performance, spectacle**. 2001, p. 7-30.

TOULMIN, S. E. **Os usos do argumento**. Tradução de Reinaldo Guarany, 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, [1958] 2006.

VAN DIJK, T. A. **News as discourse**. Hillsdale, NJ : L. Erlbaum Associates, 1988.

VOLOSHINOV, V. N. **Marxism and the philosophy of language**. Tradução de L. Matjka e I. R. Titunik, London: Routledge, 1995.

WHITE, P. R. R. Beyond modality and hedging: a dialogic view of the language of intersubjective stance. **Text 23.2**. 2003, p. 259-284.

WORTHAM, Stanton; LOCHER, Michael. Voicing on the news: an analytic technique for studying media bias. **Text 16.4**. 1996, p. 557-585.

ANEXOS

Sobre o Projeto NURC

Castilho (1987) diz que durante um Grupo de Trabalho coordenado pelo professor Luiz Antonio Marcuschi e realizado em 1984 na UNICAMP, a equipe de São Paulo procurou estabelecer uma metodologia para as transcrições dos materiais gravados.

Foram, então, examinados os procedimentos adotados pelos pesquisadores ligados à Análise da Conversação e ao Projeto do Alemão Atual, tendo ficado patente que a transcrição deve repousar numa hipótese sobre a língua falada, e que seu valor consiste em assumir uma atitude interpretativa dessa modalidade lingüística. Concluiu-se pela seleção de um processo de transcrição básico, a ser refinado de acordo com o tipo de análise que se tem em vista.

O objetivo do Projeto NURC é documentar e descrever o uso urbano do português falado no Brasil, em seus aspectos fonéticos-fonológicos, morfológicos, sintáticos e vocabulares. O Projeto se desenvolveu em cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre). Os dados levantados no país, a partir de critérios rigorosos na seleção dos informantes e no controle de variáveis, perfaz cerca de 1500 horas de registros. Esse material representa o desempenho lingüístico de falantes de ambos os sexos, nascidos na cidade, com escolaridade universitária, distribuídos por três faixas etárias.

Transcrição

Deputada Denise Frossard

Jô Soares: o que que você achou:: deputada do do do pronunciamento do presidente Lula?

Denise Frossard: o presidente fez um pronunciamento:: onde ele diz que foi traído...mas não disse por quem...só os amigos são capazes de trair...portanto eu fiquei imaginando se ele teria sido traído por um amigo...

Jô Soares: observação óbvia...porque a pessoa...fui traída por um inimigo...não dá né?

Denise Frossard: ou pela própria dona Marisa...

Jô Soares: mas daí estamos falando de de de um outro tipo de traição....

Denise Frossard: ele tem que explicar...quer dizer...faltou a explicação...foi traído por quem...em que circunstância...está indignado por que né? então quer dizer...ficou um depoimento muito solto...muito:: sem qualquer..ficou uma coisa vazia...tão vazia quanto:: aquela entrevista dele num jardim...no jardins de um palácio...num país

Jô Soares: agora...aliás esse fim de semana parece que ficaram:: discutindo...se:: deveria ele fazer outro pronunciamento ou não...eu não sei eu acho que não chegaram ainda a nenhuma conclusão

Denise Frossard: parece-me que não...mas o presidente precisa falar a nação...ele é o supremo magistrado da nação...é:: não há dúvida...qualquer dúvida em relação ao presidente é em favor dele...e não contra ele...eu explico...se nós estamos aqui e há um crime...o promotor chega...e ele na dúvida ele denuncia...e começa o processo criminal...o juiz lá na frente na dúvida...ele absolve...agora o presidente se tem alguma coisa:: que há alguma dúvida...a dúvida o beneficia...não se abre o processo contra o presidente...quer dizer...ele não vai ser investigado em caso de dúvida...então...

Jô Soares: repete isso repete isso por favor...que eu acho tão importante que é uma coisa que não foi ainda dita com tanta clareza...a DÚVIDA beneficia o presidente porque em caso de dúvida não se abre

Denise Frossard: não

Jô Soares: nenhum processo contra um presidente da república?

Denise Frossard: não não a instituição do presidente é algo

Jô Soares: é preservada

Denise Frossard: é muito preservada

Jô Soares: ótimo isso

Denise Frossard: e e nós temos também...por exemplo a crise né Jô? nós temos um congresso... que como instituição... tem todo o direito de investigar o presidente...o dever...MAS que inicialmente ele tem que se irritar...não não pode um congresso com tantas acusações... né? com tantos:: com tantos deputados envolvidos:: no alcance de dinheiro...vendas de votos de mandatos...enfim...não pode esse congresso...primeiro ele tem que se auto-limpar

Jô Soares: ah:: deputada...eu tinha uma pergunta aqui a respeito do:: fornecimento...de documentos pelos bancos do Brasil e banco RURAL...ah:: alguns dizem que os dados não são não são completos:: e demoram muito para chegar...e:: eu gostaria de ler...porque eu comentei isso aqui

com no na quarta-feira no debate que eu falo...que eu chamo de as meninas do Jô... comigo nas quartas-feiras...

Denise Frossard: excelente debate

Jô Soares: muito obrigado...a que Sena Lobo falou que o Banco do Brasil estava atrasando a remessa de documentos...e a Lúcia Hipólito...falou:: que tinham sido nomeados vários militantes do PT...eu recebi uma CARTA...do da presidência do Banco do Brasil...ah:: o senhor Rossano Manuel Pinto presidente...dizendo o seguinte...caro Jô Soares assisti ontem ao debate do seu programa...com a jornalista Luciana Lobo e a cientista política...Lúcia Hipólito...gostaria de esclarecer...a sua grande audiência...entre os quais certamente se encontram muitos acionistas do Banco do Brasil...alguns pontos naquele debate que não são corretos em relação ao Banco do Brasil...o BB tem prestado às CPIMs com maior presteza todas as informações solicitadas...ah:: a quase totalidade dos documentos analisados:: das informações publicadas na imprensa referem-se a documentos enviados pelo Banco do Brasil...por mais exaustivos que seja pela quantidade nenhuma informação solicitada foi omitida::...ah:: aí fala...se refere também...ah outro comentário que eu gostaria de refutar...as diretorias de superintendência do Banco do Brasil...são todas preenchidas por funcionários de carreira concursados...as notícias que envolvem a área do Banco ou do Banco popular são localizadas...sobre a questão...independente das auditorias que estão em andamento...tomamos várias ações preventivas...com exoneração de funcionários que tenham qualquer sinal de desvio de conduta...enfim...estou lendo aqui rapidamente a carta eu agradeço o ao presidente por mandar a carta...ah:: existe realmente uma uma dife DEVE realmente existir uma diferença de comportamento entre o:: Banco Rural e o Banco do Brasil no fornecimento desses documentos?

Denise Frossard: ah sim sem dúvida alguma...o Banco do Brasil é uma instituição respeitável deixa eu explicar aí porque porque essa parte eu conheço bem...quando:: os requerimentos são feitos Jô...é preciso saber exatamente o que se requer...porque senão vem uma montanha de documentos...e aí a dificuldade que eles devem estar tendo...porque eu vi alguns requerimentos...são seiscentos requerimentos...até quando eu saí de lá...agora eu não sei se tem mais...seiscentos e alguns...é...de modo que vão pedindo muitas coisas...e nós temos um exemplo claro de que isso não funciona na CPI do orçamento...quando se encheu uma sala inteira de documentos que se quer foram lidos...né? então nessa parte aí pode estar havendo algum problema desse...no requerer os documentos você tem que ir diretamente no que você quer...portanto você tem que saber...então eles..eu já vi documentos...é pedidos assim...vamos pedir...ah vamos pedir todos os anos das informações...aí vem um caminhão...

Jô Soares: e quanto ao negócio das das nomeações eu tenho a impressão também que:: ele justifica bem...o que acontece é que evidentemente ninguém impede...que de um ou outro diretor ou gerente... ou seja lá o que for...ser simpatizante desse ou daquele partido...

Denise Frossard: é parece-me que o Banco do Brasil não há:: envolvimento nisso...o que há é nos correios...o monopólio dos correios de onde surgiu tudo isso aliás

Jô Soares: ah

Denise Frossard: quer dizer...o que que aconteceu nos correios...os correios é um monopólio...é um monopólio estatal...se você pensar quantas cartas você recebe na sua casa...multiplica isso por...cento e e e vinte milhões né? porque cinqüenta milhões estão fora...cento e vinte milhões de brasileiros você vai ver o que é o valor disso tudo...entretanto o correio é uma empresa deficitária...porque? porque o correio foi vampirizada...entre três partidos...PMDB que tem a presidência...diretoria comercial que cuida das franquias:: é:: tem a a parte do PTB...que cuida lá de umas:: outras...enfim e tem o PT...que cuida da questão da da nova data que é o envolvimento com software...hardware...enfim...computadores...então você veja...nitidamente aquilo ali...por exemplo...contas maravilhosas...vamos dizer cinqüenta e seis milhões de contas do Bradesco...isso é patrimônio nosso deveria ser o atacado deveria ser o correio...entretanto isso vai bater nas franquias...passa como franquiado aquilo sei lá de Alphaville ou de onde quer que seja...as franquias elas poderiam existir mas como lojas de rua...do varejo do mercado varejista sem envolver...entretanto eles esperam um filé mion...e daí o correio é deficitário...o correio é uma caixa preta...então eu estou voltada muito para o foco inicial...eu não perdi meu foco

Jô Soares: caixa preta você está se referindo a caixa preta dos:: aviões...quer dizer o que está gravado ali ou caixa preta escondida?

Denise Frossard: não aquilo ali é um esquema né Jô? é um esquema de é é é cargos públicos que são fatiados entre partidos...esses cargos eram geralmente desenhados pelo Silvio Perilo né? e esses cargos devem produzir dinheiros...isso ficava a cargo do Delúbio...agora...evidentemente isso foi orquestrado isso foi ordenado por alguém.. é o Roberto Jefferson diz que foi Zé Dirceu...parece que a Simone também chamou o Zé Dirceu a Renilda também...então há indícios que seria o Zé Dirceu que desenhou tudo isso...

Jô Soares: mas espera aí...sem querer te interromper e já interrompendo...as declarações do Waldemar de Costa Neto na revista Época de que o presidente Lula sabia e de ele e o Zé Dirceu e Delúbio faziam parte...da mesma família...tem ah semana passada o Diogo Mainardi também se refere à uma coluna aliás... engraçada...se bem que ele fala na nessa semana na Veja evidente que ele não tem...não sente o menor problema:: ético de romper um off quando ele está falando...com uma pessoa que não merece esse off...e se refere as gerações do Janeni falando em termos de dinheiro que foi retirado...etcetera e tal...como é que você vê essas duas declarações...a declaração do outro retirando lá seiscentos mil e:: de que o presidente Lula SABIA e de que o Zé Dirceu fazia parte junto com o Delúbio...e junto com ele que era tudo uma família só?

Denise Frossard: bom vamos por partes...acho que a essa altura ninguém duvida que o presidente sabia...o presidente é um homem inteligentíssimo...não estudou porque não quis...ele:: teve tempo para isso...criou um sindicato...presidiu esse sindicato...criou o maior partido que nós temos hoje...presidiu esse partido...eu me prepararia um mês para ir conversar com ele...é um homem que sabe o que está fazendo...não é comandado...não é...não o conheço pessoalmente...eu não sei de:: esparsos encontros...mas é um homem inteligentíssimo que chegou aonde chegou

Jô Soares: sem dúvida alguma

Denise Frossard: agora...isto é um ponto...a nação não entende que ele sabia...agora:: ele comandava? essa é a grande pergunta...está é é quanto a isto nós não temos nenhuma...nenhuma::...nenhum indício...nenhuma prova...

Jô Soares: sei...eu também acho muito:: muito difícil

Denise Frossard: a Renilda dá a entender que:: quem comandava...o Valério também...o próprio::...Jefferson...dá a entender que quem comandava isso era o Zé Dirceu...eu espero que seja...eu espero que fique provado que era o Zé Dirceu...

Jô Soares: e pizza...que você falou outro dia lá em pizza...que história é essa deputada?

Denise Frossard: pois é...vamos falar sobre isso...quando eu cheguei na comissão...aquela casa é uma casa emocional né Jô? é uma casa...de pura emoção né? e eu não estou acostumada com emoção...

Jô Soares: hum agora você está se acostumando

Denise Frossard: não agora ...

Jô Soares: eu já vi umas declarações suas lá...ÓTIMAS por sinal...e bem emocionadas:: quando você começou a falar na máquina que estava sendo montada...começava por tentar abafar amordaçar a imprensa::...e está ali o Marcelo (Goés) fazendo sim com a cabeça:: quer dizer você:: você já está começando a sentir toda essa carga de emoção...mas é desculpa...com relação...a pizzaria...

Denise Frossard: é eu cheguei e:: naquele momento...nós tínhamos:: já naquela altura uns quinhentos requerimentos para votar e não votar...porque naquele momento surgiram denúncias contra:: integrantes do PSDB...um do PFL...enfim...quando se dizia vamos ouvir o Zé Dirceu...não

tem que ouvir o Azevedo...não tem que ouvir o (Brut)...não tem que ouvir aí...impactava...emparedava...e esse emparedamento e aqui está...no livro do assessor legislativo Mauro Márcio de Oliveira que é um livro fantástico...onde ele trata exatamente disso...o emparedamento...o engolfamento nas nas nos papéis etcetera e tal...então isso Jô leva a uma situação que só pode terminar por acordo...porque o tempo vai cortando...o tempo vai caminhando...o tempo corta contra...os investigadores...a favor dos investigados...aí chega no final...o tempo acabou... e aí olha um para a cara do outro e diz espera aí e aí? aí...vamos dar...eu dou cinco você dá cinco e dá cinco e terminou...isso é a pizza

Jô Soares: ah o negócio lá da cabra como peliscópio o bode espiatório espiatório será?

Denise Frossard: é...então veja é porque é assim...né? foi assim...então você nós temos que ver...quem comprou o Brasil...é muito dinheiro...então de onde veio essa dinheirama? é muita coisa para investigar...então o emparedamento eu disse está fedendo a pizza...pizza não porque tem uma mão que está aqui...é uma mão maquiavélica não...não é nesse sentido não...eu me lembro que até o presidente Delcídio dizia...não isto é impossível...não é possível...ele não quer...mas é possível...é possível pelo emparedamento...pelo engolfamento nos papéis...pela falta de tempo...

Jô soares: mas como como a falta de tempo...há um ah:: tempo pré-estabelecido?

Denise Frossard: claro são seis meses...termina em novembro

Jô soares: mas pode ser::

Denise Frossard: prorrogadas por mais três...

Jô Soares: e mais três depois se for o caso...

Denise Frossard: não não pode não a lei não...a lei não prevê isso não...porque senão fica:: interminável...é preciso ter um tempo

Jô Soares: mas uma coisa desse tamanho:: você vê...inclusive a gente...não dá mais para para para:: se:: qualificar as quantias de dinheiro porque a impressão que se tem...é que estamos revivendo... as quantias ah:: dos tempos de infração alta...que só () quinze milhões não foi pouco foi dez milhões só...não foi só nove::...não aí parece que foi ah:: cento e vinte milhões...a tal ponto que quando... surge o tal roubo no banco de cento e sessenta e cinco milhões tem gente que já me diz...ah não é lá essas coisas...

Denise Frossard: juizado de pequenas causas

Jô Soares: (risos) é é é porque você dizer...

Denise Frossard: é verdade

Jô Soares: um milhão por milhão né? tem eu acho que tem que tem é:: Office boy que chega para o patrão e diz assim olha eu quero um aumento...quanto você quer dar? três milhões está bom

Denise Frossard: porque você perdeu a noção::

Jô Soares: [perde a noção...você vê como é que esse país é rico como tem diNHEIRO::

Denise Frossard: [não sei se é o país...não sei se é o país...porque como a parte

Jô Soares: [mas o dinheiro

todo é do país ou feito no país não é?

Denise Frossard: não sei não sei

Jô soares: como assim? tan:::

Denise Frossard: não...não sei mesmo...eu não sei mesmo...quer dizer...PARTE...está lá...no caixa dois...é:: nós vamos entrar em alguns fundos de pensão...é:: vamos ver isso...ah:: as empresas públicas...corrupção das empresas públicas...mas tem o grosso aí que...navega...aquela gordura ali que ninguém questiona

Jô Soares: por que tem que chamar de gordura isso hein?

Denise Frossard: no bom sentido

Jô Soares: não sim mas no bom sentido () Denise...mas venha de onde vier...está vindo de recursos originados no Brasil...

Denise Frossard: não sei...não sei porque não identi a gente

Jô soares: a gente tem que se preparar para a invasão de algum outro país que queira dominar...Bolívia sei lá...

Denise Frossard: não como é que está aquele dinheiro (riso)

Jô Soares: atenção nas fronteiras soldados

Denise Frossard: o dinheiro...o dinheiro que estava...vamos dizer...o exemplo aqui...o dinheiro que pagou...o Duda Mendonça...era um dinheiro lá de fora

Jô Soares: sim mas que foi para lá ou não?

Denise Frossard: que pagou a ele lá fora

Jô soares: tudo bem

Denise Frossard: mas esse dinheiro tem dono...

Jô soares: mas e o dono não é daqui?

Denise Frossard: não sei...quem comprou o Brasil

Jô soares: quem comprou o Brasil nós vamos saber no segundo bloco...eu vou chamar a vinheta que o assunto agora está pegando fogo

Jô Soares: tenho aqui ao meu lado...ah:: eu não sei se digo ex-juíza ou juíza...porque eu não sei se diz ex-juíza mas enfim...a deputada Denise Frosard...esclarece isso antes deputada...é ex-juíza ou o cargo continua...sendo chamado de juíza também...

Denise Frossard: juíza é juíza

Jô Soares: meritíssima...tudo isso

Denise Frossard: não não...é juíza só...pelo seguinte...porque o juiz...é o cargo do juiz é vitalício...

Jô soares: ah o que quer dizer?

Denise Frossard: então só com a morte ou uma sentença condenatória criminal...que pode me tirar o cargo

Jô Soares: não essa não pode

Denise Frossard: essa nunca terá...então só a morte

Jô Soares: então que seja daqui oh::

Denise Frossard: mas tem que ter uma outra palavra no meio...inativa...porque eu sou aposentada

Jô Soares: aposentada...inativa...mas com grande...em plena atividade...como é que é esse negócio de quem comprou o Brasil ou quem está comprando o Brasil deputada?

Denise Frossard: esse volume de dinheiro que a gente não sabe ainda não não investigamos...quer dizer não não...não estamos sabendo ainda de onde veio esse dinheiro...

Jô Soares: mas tudo bem...então tem um dinheiro que foi recebido lá fora...para pagar tra um um referente a um trabalho de eleições feitas aqui dentro?

Denise Frossard: é...aliás é uma dificuldade porque as Bahamas:::

Jô Soares: []
()

Denise Frossard: não coopera aliás é um país não cooperante nós ainda temos uns oito ou dez países...que não cooperam absolutamente

Jô Soares: sei

Denise Frossard: por isso que eu pedi ao Duda se ele podia dar ordem ao o:: ao o ao o gerente lá o banqueiro para que mandassem...porque eles não cooperam você pode pedir eles não mandam...é país não cooperável...agora tem...

Jô Soares: mas por exemplo...em caso de narcotráfico::...em caso de venda de armas aí...coopera...é obrigado a cooperar?

Denise Frossard: não

Jô Soares: também não?

Denise Frossard: não cooperam...em hipótese alguma...

Jô Soares: bom mas enfim...então não se sabe...vai ser difícil...saber...quem manda o dinheiro e quem recebe...ele mesmo admitiu né?

Denise Frossard: ele recebeu...agora...o volume de dinheiro que chega...como é que é isso? quer dizer...há um dinheiro ali que foi...círculo...e esse dinheiro de onde veio?

Jô Soares: não veio daqui você acha?

Denise Frossard: eu não posso ficar no achismo...quer dizer...é preciso investigar para saber de onde veio...eu posso dizer de onde não veio...não veio de caixa dois de de empresas:: não veio aparentemente não veio de fundos e aparentemente não veio das das empresas estatais...

Jô Soares: o que que sobrou aí? pessoas físicas?

Denise Frossard: não pessoas físicas não tem dinheiro ()

Jô Soares: multinacionais?

Denise Frossard: não...empresas não...pode ser do crime

Jô Soares: a do ah::: perfeito eu estava tão longe disso...pode ser do crime...pode ser inclusive...do:: famigerado:: narcotráfico?

Denise Frossard: pode...eu não estou dizendo que tenha eu não tenho nada para afirmar que:: que teve o indício mas

[

Jô Soares: já tinha afirmado...porque eu conheço você.. evidente que tinha ()

não se você estivesse você

Denise Frossard:

[
mas não tenho não

Jô Soares: não tem

Denise Frossard: O nosso receio é esse

Jô Soares: bom e o mensalão:: por que é que você fala que o nome mensalão...pode ser impróprio apesar de ser um achado né?

Denise Frossard: pois é né?

Jô Soares: o tempo todo...no dia seguinte...todo eu falei aqui em mensalão a platéia inteira já bom já veio abaixo já...já sabia o que que era eu falando que já...depois do:: nós tínhamos o:: o:: homem erectos...o:: o homem sapiens o::...e o homem salão que era o último que tinha surgido...então quer dizer a palavra...é muito boa...mas você acha que não corresponde a a::

Denise Frossard: não não corresponde...porque:: o que nós temos ali...e aí Jô eu tenho um depoimento pessoal a dar...que é só agora eu atinei para a coisa...é nas votações importantes...a gente está vendo lá pelos documentos que nas votações importantes havia uma saída de dinheiro...e a gente pega e vê como é que saía aquele dinheiro...e para onde ir e:: PP e PL iam para os líderes partidários e para e para os presidentes dos partidos...supostamente eles...distribuíam...mas curiosamente eu vivi uma situação dessas...eu vi uma situação dessas...o que que foi? uma noite nós votávamos numa matéria importante...isso está nos anais...e eu me lembro que:: as sessões começavam as duas horas da tarde...e a coisa se embrulhava ali:: e aquela falação e tal...não estou acostumada com isso...dez horas da noite...continua a falação e nada de votar...nesse dia especificamente...o doutor Pinotti...que é daqui de São Paulo...lá para a meia noite ele pegou o microfone e disse...senhor presidente...eu sou um homem de setenta e cinco anos de idade...estou aqui desde as duas horas...e não vou ficar...não vou ficar mais...então eu vim aqui para dar boa noite a todo mundo e saiu...não se votaram...uma hora da manhã chegou um relatório quente na minha mão...porque veio da máquina lá de tirar xérox...eu peguei aquilo...olhei...era um NOVO relatório...era um novo parecer do relatório...achei estranhíssimo aquilo...eu disse senhor presidente isso aqui é:: pela ordem né? senhor presidente pela ordem...isso aqui é:: é um novo parecer...como é que é isso? ele disse ah é novo parecer juíza e tal...eu disse senhor presidente eu vou:: eu não posso votar isso...eu preciso ler...então eu peço ao senhor que me dê um mínimo prazo () ouvir os réus:: ele disse uma hora está bom? eu dava mais mas eu disse está bom...uma hora...e fui ler...li...fiz as minhas observações...quando eu voltei para o plenário de repente...vamos votar vamos votar...era o acerto...aí é que hoje eu estou ligando:: que aquela movimentação de ficar...empurrando aquilo com a barriga entendeu? uma coisa...que você não entendia:: o doutor Pinotti disse vamos embora...ninguém entendia aquilo...hoje...faz sentido

Jô Soares: já não agüentava mais quer dizer...ah:: a coisa era tão tão excessiva que por mais boa vontade que você tivesse chegava uma hora que não dava mais

Denise Frossard: aí de repente você vê que o plenário enchia...e todo mundo votava...parecia que todo mundo tinha lido aquilo...e eu idiota tive que ler...pedi uma hora para ler...mas todo mundo estava lá no plenário

Jô Soares: você sabe o que me choca?

Denise Frossard: me chocou

Jô Soares: é que você:: você percebe por exemplo que esse negócio do Waldemar Costa Neto...falando de acerto de presidente de de partido com...o:: chefes de outro partido...em troca de dinheiro...por que na na cabeça da gente fica sempre que quando dois partidos formam uma aliança...é porque tem:: um::...os mesmo projetos

Denise Frossard: [programático é programático

Jô Soares: não vou nem falar em ideal...vamos falar em projetos para o país

Denise Frossard: para o país

Jô Soares: eles estão LÁ para cuidar desse país então não...se for tanto o partido fica ALIADO... em troca...de dinheiro::...por que que as pessoas ESSAS pessoas não...ESTÃO interessadas em dinheiro de forma tão excusa::...não acham meios mais corajosos...de sobreviver...assaltando de verdade com um revólver na mão ao invés de se esconder atrás da coisa mais NObre que o país pode ter...que é a política...e no entanto fica de repente...uma coisa suja...uma coisa que as pessoas começam a ficar com desPREzo...é terri isso aí é terrível

[
Denise Frossard: mas é preciso ressaltar aqui...que lá dentro também...dentro do congresso...eu encontrei também pessoas as mais preocupadas...em exatamente fazer essa auto-limpeza

Jô Soares: CLARO não mas isso eu falo todo tempo

[
Denise Frossard: por causa da instituição

Jô Soares: () desgosto mas para mim dá cada vez mais gosto...que começa a ver e começa a possibilidade REALMENTE de:: (paz) melhorar

[
Denise Frossard: por exemplo...você quer ver uma coisa no início da CPI a gente achava não é uma CPI chapa branca...um belo relator...um belo presidente...foi uma surpresa desagradável

Jô soares: claro....

Denise Frossard: entendeu? então não é assim...as pessoas nós temos que (explodir) de lá agora em algum momento na nossa história...na nossa educação lá atrás eu algum momento falhou aquela virtude que a gente não nasce com ela...mas que a gente tem que cultivar através da educação da família que é ética...quer dizer então quando eu vejo o presidente às vezes dizendo né?...ele gosta de falar que eu sou ético e coisa e tal...as a ética é uma virtude que ela só é ativada...quando em contato com o outro...quer dizer...quem pode me dizer se eu sou ética...é você

Jô Soares: (risos) claro

Denise Frossard: o destinatário das minhas ações...né?

Jô soares: é

Denise Frossard: eu posso dizer se você é ético ou não mas você não pode dizer...e nem eu posso dizer ao meu respeito né? então quer dizer...isso em algum momento lá atrás:: na nossa história...na nossa vida de de brasileiros:: isso falhou...é preciso recuperar isso...quer dizer e são regrinhas tão bobas...tão claras quando você pega por exemplo a primeira carta de Paulo:: ou Saulo...a igreja de Corinto...embora tudo me seja lícito...nem tudo me convém...aí você vai...espera aí eu posso receber o cargo de presente...o Silvinho né? posso...é lícito? é... me convém? não não me convém

Jô soares: é o legal e o imoral né? têm coisas que são legais:: não são morais e coisas que são morais:: e não são legais

Denise Frossard: quer dizer...vale o poder a qualquer preço? é lícito? é...me convém? não não me convém

Jô soares: muito bem

Denise Frossard: é a regra

Jô Soares: deputada...também tem uma coisa que me incomodou bastante:: foi a Síndrome de Zagalo...que baixou no presidente...eles vão ter que me engolir:: isso quer dizer que o próximo assessor dele vai ser o Parreira? qual é a indicação dessa frase tão raivosa? tão ah:: contra a sua própria figura?

Denise Frossard: pois é...aquilo ali eu vi Jô e me deu a impressão...que o presidente estava sendo de alguma forma...pressionado:: ou () entendeu? porque ele tem uma linguagem que é assim...ele fala dessa forma...aquilo ali me passou que ele estava sendo pressionado...mas presidente...fale:: pressionado por quem? o presidente não pode ser pressionado...ele é o supremo mandatário da nação...ele tem uma responsabilidade...ele tem que entregar a nação ao seu sucessor...é é é:: andando e bem com os problemas em andamento...nós cuidamos de limpar...o congresso...nós vamos fazer isso é é ah:: os cidadãos têm que pressionar...pressionar muito...não podem vigiar e orar...agora...o presidente não pode ser pressionado...não pode alguém chegar e pressionar o presidente da república...

Jô Soares: nem tem como...quer dizer você acabou de dizer...que a dúvida por exemplo o presidente tem o benefício da dúvida não há nem nenhum tipo de pressão...que ele possa sofrer né?

Denise Frossard: não porque na dúvida:: a dúvida é em prol do presidente

Jô Soares: até que ponto:: deputada agora por exemplo...Cristóvão Buarque saiu do PT né? que é uma pessoa também:: da maior ah:: lisura...por falar em lisura ()

Denise Frossard: [nós o convidamos para para o (PPF)

Jô Soares: ah é? eu prefiro falar em lisura do que:: em integridade porque a pessoa fala eu sou íntegro...que vem de inteiro né? me parece que quem não for íntegro é capado né? porque ou é inteiro ou é capado...ah:: mas até que ponto a disputa por poder interno:: é:: a origem dessa de teorização que aconteceu com o PT?

Denise Frossard: pois é..a a a questão dos partidos:: quer dizer::...a noção de governo e de estado...isso é que não:: não fica a a a jovem democracia brasileira ainda não interiorizou isso...os partidos existem para realizar um estado melhor...através do governo...para isso eles entram no governo...agora o mais importante é a noção de estado...eu perguntei ao seu Delúbio lá...seu Delúbio o senhor sabe o que que é governo o que que é estado? quer dizer...a nação brasileira...o estado brasileiro...isso não é muito claro...você observa até que na CPI você tem isso...entra lá e dizem:: com a palavra o governo a situação da oposição...ora na CPI:: as coisas partidárias ficam na soleira da porta...DEVERIAM

Jô Soares: evidente

Denise Frossard: então quer dizer...essa briga interna do PT...vai vir uma depuração...vários vão sair...agora o Jô eu tenho uma idéia positiva de tudo isso viu? eu acho que essa:: essa essa convulsão que nós estamos tendo no princípio eu dizia assim meu Deus eu me sinto como Alice no país das maravilhas...ou esse abismo é muito fundo ou esse abismo não tem fundo...mas hoje não eu vejo que ele tem fundo sim...e o fundo é para subir...ou seja haverá uma depuração das instituições...eu observo nas ruas as pessoas muito interessadas...eu acho que a próxima eleição...o eleitor irá com a lupa para saber quem é aquele homem ah? as campanhas vão mudar...quer dizer quem tiver alguma coisa para dizer...poderá ser o candidato...agora aquele que precisar...com todo o respeito de um bom marqueteiro...esse me desculpa mas não vai não

Jô Soares: sabe outra coisa que eu acho depois disso né? que você falou de dinheiro para alianças etcetera...ah:: eu passo a desconfiar:: de qualquer aliança de partidos tão OPOSTOS para

Denise Frossard: [não tem ()

Jô Soares: formar uma chapa de governo...por mais que digam não mas é que...vai MUdar:: não é para ter maioria ou para...não interessa na hora que formar uma aliança

Denise Frossard: é um casamento de jacaré com dromedário

Jô Soares: é é MUITO estranho:: é muito:: eu passo a desconfiar...posso pode até ser um sinal de má-fé em relação a isso...mas é um estado de má-fé que foi criado por ELES mesmos né?

Denise Frossard: é

Jô Soares: quer dizer essa desconfiança:: é natural a pessoa diz não vai se aliar assim...já não quero né?

Denise Frossard: é verdade

Jô Soares: porque é melhor perder:: uma duas vezes...na na:: total:: clAREZA das suas intenções...do que ganhar:: de uma forma comprometida né?

Denise Frossard: Isso é a ética...é ético...quer dizer...vale o poder a qualquer preço? não quer dizer você veja a biografia do Lula...Collor era resultado de uma eleição...era uma revista...uma revista...mas Lula não...ele fez:: uma trajetória

Jô soares: um caminho

Denise Frossard: um caminho...quer dizer quem tem o passado:: quer dizer...a política também não é a profissão...isso é uma coisa que me assusta também...né?

Jô soares: é

Denise Frossard: político profissional...tem gente que tem nome no mandato não:: seria bom que limitássemos dois mandatos alternância no poder...é muito democrático é uma questão democrática...e criamos novos líderes...nós precisamos ter essa renovação:: nós precisamos trazer os jovens para a política...porque senão nós não vamos renovar nunca...

Jô Soare: e que estão bem afastados disso tudo né?

Denise Frossard: lamentavelmente mas não pode...quer dizer...aquela velha história...é eu como boi a bifas eu faço um projeto eu vou eu estou agora a deputada federal...está bom mas isso não é profissão para mim não...hoje eu cheguei no hotel...profissão magistrada...eu tenho profissão...agora eu estou na política por algum tempo...

Jô Soares: que é uma atividade

Denise Frossard: é uma atividade...depois eu posso estar em outra:: área política posso ir para o executivo não tem problema...mas por um tempo...e com com com a condição de fazermos os nossos aqueles que virão depois de nós

Jô Soares: o ah deputada...o:: as explicações que são dadas são sempre meio:: meio trouxas né? meio:: meio distorcidas em relação ao ao dinheiro que apareceu para pagar essa conta:: quem pagou o empréstimo que o:: o:: o:: presidente Lula fez ao PT:: tudo isso você acha que nesse momento ganha uma dimensão maior do que tem na realidade?

Denise Frossard: é importante discutir porque o PT empresta dinheiro...isso é uma coisa de sindicato...isso não existe...o sindicato pode emprestar em dinheiro mas o partido não que ele recebe é um fundo partidário que é público é dinheiro público...então não tem noção...da divisão entre o público e o privado...então é bom que isso venha à tona...é ótimo:: porque as pessoas começam a ver que não é assim...o partido não pode emprestar dinheiro...partido não faz um muito aí...ah:: um tamborete sei lá...não existe isso...quer dizer ele:: ele tem dinheiro público ali no fundo partidário...e aí empresta para o presidente...aí vai alguém lá e paga e tem uma coisa contábil...não é assim...quer dizer...me desculpa agora mas a única palavra que eu encontro aqui eu nem gostaria

de dizer mas:: é uma lambança né? é uma lambança total que o negócio fica complicado e é bom que isso venha à tona...para que a sociedade veja e veja...que não é assim...pela negação...não é assim...é preciso organização...é preciso planejamento...é preciso:: é preciso entender sim:: enfim...então é assim

Jô Soares: você te idéia de quanto custou a sua campanha para deputada federal?

Denise Frossard: não eu tenho aqui e sei de todas as as quem me deu um tostão...é:: eu me lembro que eu recebi cento e oitenta e nove mil...e uns quebradinhos mas eu não tinha nada e também nem precisava não...não precisava não...as pessoas faziam a minha campanha

Jô Soares: é

Denise Frossard: né:

Jô Soares: uma coisa ()

Denise Frossard: eu precisava só pagar a televisão...né? pagar a televisão um amigo meu eu está ali sentado o Tom ele falou assim Denise vamos botar ali...vamos botar assim justiça seja feita aí eu disse Tom pelo amor de Deus alguém vai roubar isso até a gente:: chegar na campanha:: não se de repente o sujeito roubar...o nosso slogan ele pode ser (preso)

Jô Soares: (risos) engraçado...quando o Tom entrou com você eu disse..meu Deus ele tem um jeitão de assessor de Brasília...

Denise Frossard: não não não ele não é não

Jô Soares: impressionante

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)